

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM

**ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
NA CIDADE DE MATINHA-MA**

São Luís
2012

LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM

**ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
NA CIDADE DE MATINHA-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual do Maranhão como
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Hermes da Fonseca Neto

São Luís
2012

Cutrim, Luis Fernando Silva.

Anteprojeto de um Centro de Memória e Cultura na Cidade de Matinha –
Ma / Luis Fernando Silva Cutrim. – São Luis, 2012.

52f

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Estadual do Maranhão, 2012.

Orientador: Hermes da Fonseca Neto.

1. Memória e Cultura. 2. Resgate. 3. Apropriação. 4. Formação do futuro.

I. Título.

CDU: 727:001.32(812.1)

LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM

**ANTEPROJETO DE UM CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
NA CIDADE DE MATINHA-MA**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hermes da Fonseca Neto
Orientador: Universidade Estadual do Maranhão

1° Avaliador
Examinador Interno: Universidade Estadual do Maranhão

2° Avaliador
Examinador Externo

Dedico este trabalho ao meu avô Antônio Cutrim, que como um oásis que aplaca a sede e alimenta o corpo, ele me inspira a viver.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o maior dos arquitetos e a minha fonte de inspiração, por me guiar nessa difícil jornada da vida, dando-me forças para nunca desistir.

Ao meu pai, a quem tenho grande admiração, pelo exemplo de luta e dedicação, ensinando-me a perseguir os meus sonhos, mesmo que esses possam parecer impossíveis.

À minha mãe, cuja compreensão e carinho, foram imprescindíveis para estabelecer o equilíbrio necessário na minha formação profissional.

À minha irmã, cuja determinação e sensibilidade serviram de inspirações, mesmo quando as nossas ideias eram divergentes.

Ao meu irmão, com quem divido experiências e sempre está presente quando preciso. Certamente seremos grandes companheiros nessa estrada profissional.

À Érica Nascimento, pelo seu amor e apoio incondicional e pelos seus sábios conselhos nas minhas dúvidas e questionamentos.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Hermes da Fonseca Neto, pelo grande exemplo de profissional e pelo incrível ser humano que é. Agradeço todo auxílio e ensinamentos.

Ao meu amigo Yuri Nogueira, que me ensinou a observar os por menores de qualquer processo, e por suas orientações competentes e seguras.

À turma 07132, em especial a Letícia Veras, Thais Freire, Vinicius Gomes, Samir Arruda e Paulo Beckman, que fizeram destes logas anos de vida acadêmica, uma das melhores experiências da minha vida. Estes serão amigos que com certeza levarei para sempre.

Aos acadêmicos, professores e funcionários da UEMA, com quais dividi alegrias e frustrações nesse duro processo de aprendizagem.

“Tornar o simples complicado é fácil, tornar o complicado simples, isto é criatividade.”

Charles Mingus

RESUMO

O trabalho buscou, através da compreensão do processo histórico, propor a construção de um Centro de Memória e Cultura no município de Matinha - MA. A proposta baseia-se no resgate e reconhecimento do passado para que se possa entender o presente e atuar sobre ele. Para fundamentar a concepção projetual foram desenvolvidos três eixos teóricos: cultura na sociedade do esquecimento; memória e identidade; promoção da paisagem e imagem da cidade, cujo estudo demonstrou a relevância de se construir espaços projetualmente engajados como locais de apropriação coletiva. Além disso, os referenciais projetuais seguidos por um diagnóstico do local, colaboraram na elaboração do programa de necessidades. Desse modo, o estudo arquitetônico partiu do conceito "Revelando Memórias", expressando em formas, cores e texturas a contribuição do passado na formação do futuro.

Palavras-chaves: Memória e Cultura. Resgate. Apropriação. Formação do futuro.

ABSTRACT

This work aims to propose the construction of a Center of Memory and Culture of Matinha – MA, through the comprehension of its historical process. The proposal it's based on the rescue and acknowledgment of the past so that it could be able to understand the present and act upon it. The conceptual development was supported in three theoretical axes, they are the culture at the society of oblivion; memory and identity; the promotion of the landscaping and the image of the city, this study demonstrates the relevance of build spaces that are truly engaged with the thought and spirit of the collectivity. Furthermore, the project references followed by a diagnosis of the local it collaborated at the formulation of the projectual requirements. Following this line of thought, surges the concept of Revealing Memoirs that it expresses in forms, colors and textures the contribution of the past at shaping the future.

Key-words: Memory and Culture. Rescue. Appropriation. Shaping the future.

LISTA DE FOTOS E FIGURAS

FOTO	1	Engenho Nazaré, primeiro engenho instalado em Matinha.....	23
FOTO	3	Engenho Belas Águas, de propriedade de Aniceto Costa – família da qual faço parte.....	23
FOTO	3	Tacho que era usado na fabricação de açúcar – Fazenda Nazaré	24
FOTO	4	Moenda usada na fabricação de açúcar – Fazenda Nazaré.....	24
FOTO	5	Antigas instalações do Engenho Belas Águas.....	24
FOTO	6	Antigas instalações do Engenho Belas Águas.....	24
FOTO	7	Atual Avenida Major Heráclito.....	25
FOTO	8	Foto área da Avenida Major Heráclito, com prefeitura ao centro.....	28
FIGURA	1	Mapa do Maranhão com referência a Matinha.....	28
FIGURA	2	Mapa rodoviário – São Luís a Matinha.....	29
FOTO	9	Vista aérea do Município de Matinha	30
FOTO	10	Vista da marquise e arquibancada, que favorecem eventos externos.....	31
FOTO	11	Antiga estrutura da estação de fero de Araras – SP.....	32
FOTO	12	Antiga estrutura da estação de fero de Araras – SP.....	33
FOTO	13	Vista da antiga plataforma de embarque.....	33
FIGURA	3	Cortes que mostram o desnível propício para a implantação do auditório	34
FOTO	14	Vista interna da área de exposições.....	35
FOTO	15	Vista interna da área de exposições.....	35
FOTO	16	Vista noturna do Teatro.....	35
FOTO	17	Vista das estruturas assimétricas que definem o volume da edificação.....	36
FOTO	18	Vista das estruturas assimétricas que definem o volume da edificação.....	36
FOTO	19	Vista interna do teatro.....	37
FOTO	20	Fachada lateral do conjunto.....	38
FOTO	21	Vista interna da sala de dança e balé.....	38
FOTO	22	Vista aérea da área de intervenção.....	40
FOTO	23	Vista do antigo mercado municipal.....	43
FIGURA	4	Croqui de uma vista frontal da edificação.....	44
FIGURA	5	Estudos de insolação.....	45
FIGURA	6	Estudos de ventilação.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONSTRUÍNDO UM ESPAÇO DE TROCAS SOCIAIS.....	13
2.1	Cultura na Sociedade do Esquecimento.....	13
2.2	Memória e Identidade	17
2.3	Promovendo a paisagem e imagens da cidade.....	19
3	A HISTÓRIA DA CIDADE: ENTRELACANDO FATOS, RELATOS E DADOS	21
3.1	Origem do município.....	21
3.2	Colonizadores.....	22
3.3	Emancipação Política.....	26
3.4	Análise Territorial.....	28
4	REVELANDO IDEIAS E DESCOBRINDO SOLUÇÕES.....	30
4.1	Conceito: “O passado é o presente na memória”	30
4.2	Dois contextos, Duas Referências Projetuais.....	31
4.2.1	Centro Cultural de Araras – São Paulo.....	31
4.2.2	Teatro de Ópera – Guangzhou, China.....	35
4.3	Programa de Necessidades.....	38
4.4	Localização e Caracterização do Entorno.....	40
4.4.1	Diagnóstico.....	41
4.4.2	Plano de Ações.....	42
4.4.3	O terreno.....	43
4.5	Concepção Projetual.....	44
4.6	Especificações.....	46
4.6.1	Estrutura.....	46
4.6.2	Paredes e Divisórias.....	46
4.6.3	Tetos.....	46
4.6.4	Brises.....	47
4.6.5	Revestimentos.....	47
4.6.6	Esquadrias.....	48
4.6.7	Cobertura.....	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	50
	APÊNDICE :Anteprojeto -Centro de Memória e Cultura em Matinha-MA	52

1 INTRODUÇÃO

A Cultura é o resultado do processo de socialização que mostra que somos formados pelo grupo social no qual estamos inseridos, como por exemplo: a família; a escola; a opção religiosa; ou a linha ideológica. Todos esses elementos interagem e são responsáveis pela construção das bases culturais de uma nação (SIMSON, 2008).

O Brasil é um país de uma história muito rica e singular. Com isso, fatos urbanos revelam que o incentivo a cultura, pautada no resgate da memória, é fundamental para o desenvolvimento social. Segundo Olga Von Simson (2006, p.4 - 5) no artigo – Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento:

Podemos perceber que o trabalho com a memória (no qual os velhos tem papel fundamental) não nos aprisiona no passado, mas nos conduz com maior segurança para o enfrentamento dos problemas atuais (...). Esse mergulho nos faz emergir mais conscientes quanto aos problemas contemporâneos da vida da comunidade estudada e geralmente nos conduz naturalmente a ações conjuntas e politicamente conscientes visando sua superação.

Dessa maneira pretende-se desenvolver uma proposta arquitetônica para a construção de um Centro de Memória e Cultura no espaço urbano de Matinha. Tendo como finalidade o resgate de sua memória coletiva, o incentivo ao desenvolvimento humano e a melhoria na qualidade de vida de seus moradores.

Matinha é um município do Maranhão situado a 240 km de São Luís, sendo uma das cidades que compõe a Microrregião da Baixada Maranhense, juntamente com Viana, Penalva, Cajari, Vitória do Mearim, entre outras – área conhecida como a região dos lagos. Ele foi criado pela lei nº 256 de 1948 e sua instalação foi alcançada depois de muita luta dos seus habitantes, tendo sido inicialmente, ocupado por índios. Sua colonização foi realizada com chegada de três famílias, sendo elas: família Belfort, formada por caboclos descendentes de escravos com portugueses; família Meireles, de origem indígena; e família Silva, de origem portuguesa e da qual faço parte.

Atualmente, com 21.885 habitantes (IBGE – Censo 2010), Matinha se revela como um importante polo de desenvolvimento, não apenas pela sua história, mas, sobretudo, quanto a seu papel no funcionamento regional. Porém, a cidade

ainda convive com problemas como a carência de equipamentos urbanos e de espaços promotores de cultura, entretenimento e lazer, além da degradação de lugares importantes na construção de sua identidade, favorecendo o desapareço e a não apropriação dos mesmos.

A ideia desse trabalho partiu, inicialmente, da necessidade de se criar um local onde seja possível lembrar e preservar essa enorme riqueza e que possa também, estimular a dinâmica da cultura e dos seus espaços físicos remanescentes que, até então, se encontram esquecidos. Outro aspecto importante desse contexto diz respeito à memória da cidade, ou melhor, às lembranças de indivíduos ou grupo que, eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar, funcionam como locais de fomento para o exercício e construção de novas expressões, sejam elas de natureza material ou imaterial.

Além disso, a proposta pode funcionar como um incentivo a valorização do potencial artístico-social das comunidades locais e a novos projetos de reabilitação das áreas do seu entorno. Isso porque, dentro do campo do planejamento urbano e regional, a edificação é um importante elemento para a constituição da imagem da cidade.

O reconhecimento dessas áreas e de sua história permite compreender o presente para que se possa agir de forma positiva na coletividade, divulgando as ideias e ideal para a valorização da cidade. A economia, hoje baseada na pecuária, na pesca, no cultivo de produtos agrícolas e no comércio local, pode ser ampliada pela oferta de serviços e oportunidade de investimentos públicos e privados.

O trabalho compreende, portanto, três momentos principais:

A **primeira parte** está voltada à apresentação da Revisão Literária, embasada na bibliografia relacionada à cultura, memória, identidade e promoção da cidade, eixos norteadores da proposta. Nesse momento é feito um caminho teórico partindo de um conceito mais global até as particularidades dos estudos levantados.

A **segunda parte** diz respeito à caracterização do objeto, em que foi realizada uma pesquisa de campo com constatação in-loco dos problemas e necessidades da comunidade. Além de levantamentos fotográficos e documentais, para compor notas históricas sobre a cidade.

E por fim, na **terceira etapa**, realizou-se a proposta propriamente dita, seguindo com: estudo sobre referenciais projetuais; elaboração do programa de necessidades; pré-dimensionamento e setorização; estudos bioclimáticos e formais; e a elaboração do anteprojeto com os devidos detalhes técnicos exigidos.

2 CONSTRUÍDO UM ESPAÇO DE TROCAS SOCIAIS

2.1 Cultura na Sociedade do Esquecimento

A cultura vem sendo historicamente caracterizada pelo seu caráter diversificado de manifestações e interpretações. Por exemplo, Laraia (2001, p.14) descreve que “desde o final do século XVIII o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”. Ambos os termos foram agrupados por Edward Tylor no vocábulo inglês Culture, que tomado em seu amplo sentido etnográfico consiste neste universo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Outra contribuição da antropologia, assim citada por Kroeber *apud* Laraia (2001), para a ampliação do conceito de cultura pode ser relacionada nos seguintes pontos:

a) A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.

b) O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou.

c) A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o ambiente em que vive.

d) Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat.

e) Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas.

f) Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional.

g) A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

h) Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construído pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar um novo objeto ou uma nova técnica. Nesta classificação podem ser incluídos os indivíduos que fizeram as primeiras invenções, tais como o primeiro homem que produziu o fogo através do atrito da madeira seca; ou o primeiro homem que fabricou a primeira máquina capaz de ampliar a força muscular, o arco e a flecha etc. São eles gênios da mesma grandeza de Santos Dumont e Einstein. Sem as suas primeiras invenções ou descobertas, hoje consideradas modestas, não teriam ocorrido as demais. E pior do que isto, talvez nem mesmo a espécie humana teria chegado ao que é hoje.

Dentre esses conceitos, destacam-se os itens “g” e “h”, que mostram a manifestação da cultura como um processo de acumulação e transformação, onde essas peculiaridades demonstram a importância de se compreender a cultura, bem como sua interface com o ser humano e o ambiente externo.

Nesse contexto o homem seria fruto do meio cultural ao qual está inserido. Ele é resultado do processo de socialização e acumulação, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam (LARAIA, 2001). Dessa forma, se faz necessário o reconhecimento do passado para que se possa entender o presente e atuar sobre ele.

Outra discussão sobre a cultura se dar sob o aspecto da memória, que busca compreender como ela insere o indivíduo na sociedade, tal qual descreve Maurice Halbwachs e Pierre Nora (1989, p.01, *apud* Pollak 1989, p.01):

O patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais.

Simsom (2008) explica que a memória pode ser dividida em duas vertentes principais: a memória individual e a memória coletiva. A primeira é aquela formada pela sua própria vivência e experiência, já a segunda corresponde aos fatos e aspectos considerados relevantes e que são guardados como memória oficial na sociedade em geral. Ela geralmente se manifesta naquilo que o autor denomina de lugares da memória e que segundo Pollak (1989), são salvaguardados em manifestações físicas, sendo essas solidificadas nas pedras. Muitos desses elementos são vestígios arqueológicos, como as catedrais da Idade Média, os grandes teatros ou, atualmente, os grandes bancos.

Essas referências de épocas passadas nos remete certa filiação de origem, onde os ambientes e fatos são aos poucos inseridos na cultura comum de toda a humanidade. Porém, lembranças mais próximas, aqueles ditas pessoais, são segundo Magnavita (2003) divididas em: memória curta e memória longa. A primeira dura aproximadamente um minuto e, segundo Deleuze e Guatari (1995, p.25-26, *apud* MAGNITIVA, 2003, p.70-71), pode acontecer tempos depois, numa multiplicidade de fatos e com o esquecimento como processo. Já a segunda, aquela associada à família, religião, raça, sociedade, é capaz de se manifestar, mesmo contra o tempo.

Nesse sentido, Pollak (1989, p. 9) afirma que:

Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são, como mostrou Dominique Veillon, de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores. Em relação ao desembarque da Normandia e à libertação

da França, os habitantes de Caen ou de Saint-Lô, situadas no centro das batalhas, não atribuem um lugar central em suas recordações à data do acontecimento, lembrada em inúmeras publicações e comemorações - o 6 de junho de 1944 -, e sim aos rancos dos aviões, explosões, barulho de vidros quebrados, gritos de terror, choro de crianças. Assim também com os cheiros: dos explosivos, de enxofre, de fósforo, de poeira ou de queimado.

O ato de relembrar o passado, bem como suas vivências e sensações, é um atividade de lembranças compartilhadas, elas constroem fortes redes de relacionamentos entre os indivíduos – porque tem por base uma bagagem cultural comum. Essa memória coletiva tem, portanto, o dom de domar o tempo, tendo-o como empuxo que nos leva à ação, focalizado diferentes gerações em um mesmo grupo social (SIMSON, 2008).

Contudo, como afirma Santo (2007, p.15), “os fatos estão todos aí, objetivos e independentes de nós”. Mas cabe a cada um fazer com que esses fatos, mediante a identificação das relações que o produzem, seja pela observação de causa e efeito ou pela ordem que define o sistema, fazer deles uma história comum a todos. Para o autor, “sem relação não há fatos”, e, sem troca, não se constrói uma nação. Sendo assim, Santos (2007, p.14) coloca que:

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isso de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como o tempo, não porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetividade não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social.

A sociedade está sempre mudando. Assim, compreender essa dinâmica é importante para diminuir o choque entre as gerações e desviar-se de um comportamento que gere conceitos superficiais ou permita que o passado se perca na memória. Da mesma forma, é necessário à humanidade o entendimento da diferença entre os diversos povos e suas culturas, e também indispensável, atentar para a velocidade com que o sistema se reconstrói. Este é o único procedimento que qualifica o homem para o mundo novo do amanhã (LARAIA, 2001).

2.2 Memória e Identidade

A memória, assim como foi mencionado anteriormente, atua como elemento fundamental para o desenvolvimento humano, construída pelas relações de trocas individuais e coletivas, pois, mesmo que as lembranças sejam de cunho pessoal, elas podem se tornar sociais ou até mesmo mercadoria. Dessa forma, Magnativa (2003 p.71, grifo do autor) comenta que:

A '**retórica da perda**' não explica propriamente a transformação da memória em mercadoria, como insumo para a indústria cultural, mas demonstra a preocupação, o medo e desconforto que sentem aqueles que formulam políticas e discursos, frente ao esquecimento do **valor de Identidade** que esses bens devem conservar e transmitir evitando, assim, o desaparecimento dos mesmos.

Esta relação traz, conseqüentemente, outros dois elementos envolvidos na memória e presentes nesse palco da sociedade: as pessoas (personagens) e as atividades, pois não existe memória sem que haja uma referência espacial. Essa afinidade segundo PINHEIRO e DUARTE (2008, p. 08), faz emergir “os significados e valores dos lugares, fomenta as ligações simbólicas entre o ambiente de uma pessoa e suas crenças essenciais e, principalmente, nos faz olhar para as imagens e prioridades dos usuários conjuntamente com o ambiente físico”. A apreensão da memória nos conduz, desta forma, à construção do sentido de urbano.

Na cidade, essa noção de elementos móveis (pessoas) e estacionários (monumentos), geram símbolos de referência e identidade. Nesse contexto não somos meros espectadores desse espetáculo, mas, parte dele, dividindo o mesmo cenário e construindo um sistema de informação e comunicação. Em grande parte, nossa visão do urbano não é global, mas sim fragmentada e combinada a outras dimensões representativas. (LYNCH, 1997).

Esses conceitos ambientais são assim formulados mediante a capacidade que o indivíduo tem de se adaptar à luz de seus interesses, selecionando, organizando e produzindo significados àquilo que vê (LYNCH, 1997). Ainda segundo o autor, em sua obra “*A imagem da Cidade*”, as perspectivas filtradas podem variar significativamente entre observadores diferentes – Uma imagem duradoura requer, primeiramente, o seu reconhecimento enquanto entidade separável, conferindo-lhe o status de identidade.

Nesse sentido, Horta *apud* Cullen (2000, p.77) pondera sobre a necessidade que os elementos constituintes da urbe têm em se comunicar:

As fachadas dos edifícios que, como vimos atuam fortemente na qualificação da paisagem urbana, traz códigos explícitos nos cheios e vazios de suas massas. As pessoas leem automaticamente, uma perfuração quadrangular como uma janela, da mesma forma, quando veem do chão, uma perfuração semelhante, se lê como uma porta. São códigos que aprendemos a identificar e é possível até mesmo, imaginar o que há por trás daquelas paredes pela leitura de suas aberturas. Ou seja, essa eterna leitura a partir do espaço público, mirando as fachas, é parte da história das cidades.

No que se refere a essa relação indivíduo/obra, é necessário atentarmos ao valor estético que é produzido na sociedade enquanto receptora de estímulos, bem como à maneira que o indivíduo se comporta ao dirigir perguntas ao meio circundante. Velloso (1993) destaca essas perguntas quando lida com o espaço, colocando a localização como o primeiro ponto de intermediação entre os objetos e os sentidos humanos.

O autor afirma ainda que “O mundo revelado no espaço percebido é da ordem do sensível, ou seja: do visível, do audível e do tangível. Enquadrando a pergunta que um indivíduo dirige aos objetos a partir de suas configurações e localização, faz-se o laço entre o corpo e o espaço” (VELLOZO, 1993, p.137).

Segundo análise de Lynch (1997, p.11), dirigida à condição do meio em suscitar reações, ele o qualifica como sendo portador de uma **imaginabilidade**: característica, num objeto físico, que lhe confere uma “alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis ao do ambiente.” Poderia também ser chamada de **legibilidade** ou **visibilidade**, pelo fato dos objetos não serem apenas passíveis de serem vistos, mas também presente aos sentidos. (LYNCH, 1997).

Experimentar esteticamente, de acordo com Velloso (1993), diz respeito a mobilizar meu corpo e minhas capacidades mentais enquanto sou afetado pelos objetos. Não há experiência estética sem esse movimento do eu para fora de si: algo do objeto despertar a minha atenção sensorial quando se destaca do mundo,

deixando em mim uma impressão, de tal modo que sou obrigado a me mover em sua direção, a ele respondendo corporalmente.

Essa simbologia, assim descrita por White *apud* Laraia (2001), foi o que transformou nossos ancestrais antropoides em homens e os constituiu como humanos. O autor comenta também que toda cultura depende de símbolos, pois só através deles as civilizações se espalharam. É o exercício da capacidade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível o sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura e, sem cultura, não teríamos a condição de pertencimento enquanto identidade social.

Portanto, entendendo o contexto da memória, baseada na relação entre os habitantes, o sítio urbano e a ideia de identidade, fala-se da cidade como se estivesse falando de si mesmo, concordando assim com Jeudy (2005, p.74), quando afirma que:

O 'Espelhamento' dos objetos dos lugares, dos territórios que decidimos conservar, proteger, para os tempos futuros, pressupõe uma 'estética refletida'. Esta nada tem de imediata, de espontânea, ela não passa de uma construção que continua capaz de simular sua própria naturalidade.

2.3 Promovendo a paisagem e imagens da cidade

Os repertórios semióticos, em voga no discurso teórico atual, dada a preocupação com a natureza das representações estéticas, vem gerando diversas concepções para promover a cidade. Entre esses conhecimentos, como demonstra Magnativa (2003), a tríade vitruviana e as diversas noções desses conceitos inserem a cidade no mundo da representação. O autor cita ainda que “está ‘máquina abstrata’ de pensar se caracteriza, basicamente, segundo os seguintes princípios: identidade do conceito; analogia do juízo; oposição dos predicados e semelhança do percebido”. (MAGNATIVA, 2003, p 65).

Esse quarteto conceitual, conjuntamente com a “imagem arborescente” do pensamento – herança que vem da antiguidade aos nossos dias – tem segundo Magnativa (2003, p.66) “orientado, de forma hegemônica, as nossas concepções e práticas. Isto acontece através de um conjunto de formas de pensar diversificadas

que, todavia, não se afastaram do mundo da representação no seu sentido mais amplo”, mantendo, basicamente, o quarteto conceitual acima referido.

Dentro dessa lógica, as políticas e os projetos urbanos contemporâneos, principalmente ligados ao planejamento estratégico, expressam uma clara intenção de se produzir uma imagem singular de cidade. Essa imagem, de “marca”, seria fruto de uma cultura própria, a dita identidade da cidade. (JEUDY, 2005)

Essa noção de mais valia, introduzida de forma implícita na conceituação de patrimônio de bens de consumo, de acordo com Magnativa (2003) faz emergir organizações empresariais, tanto públicas quanto privadas. Elas envolvem um grande número de profissionais, tais como animadores culturais, técnicos em comunicação, agentes de desenvolvimento, engenheiros, arquitetos, museólogos, mediadores culturais, etc.. Dessa maneira, suas tarefas consistem em: explorar a potencialidade da cidade; a crescente valorização dos monumentos históricos e museus; promover eventos culturais, em fim, favorecer o consumo dos bens culturais.

Esse espaço de disputa econômica, política e simbólica, coloca o patrimônio atravessado pela ação de três tipos de agentes: o setor privado, o Estado e os movimentos sociais. Acerca disso, Canclini (1994) destaca três fatores que caracterizam uma transformação perceptível nesses setores:

a) a questão do patrimônio ambiental, seja ele natural e/ou urbano, é colocada não apenas como responsabilidade do governo;

b) compreende-se que, se não houver mobilização social pelo patrimônio, será difícil que o governo o vincule às necessidades atuais cotidianas da população;

c) o efeito de resgate do patrimônio inclui sua apropriação coletiva e democrática, ou seja, cria condições materiais e simbólicas para que todas as classes possam encontrar nele um significado e, compartilhá-lo.

Essa visão, compartilhada pelos mais variados setores da sociedade, promove a diversidade apontada por Jacobs (2009) ao estudar os ideários urbanos. A responsabilidade pela vitalidade e energia de interação social, segundo ela, é

promovida em função dos encontros e desencontros inesperados. Essa ação conduz, também, à diversidade de opções culturais, multiplicidade de panoramas e grande variedade na população e nos frequentadores.

Baseado nessas vantagens de cooperação e na formação de uma imagem única de cidade, que enfatizamos a importância de se conservar a autenticidade e diversidade dos bens culturais, não apenas pela sua importância simbólica, mas também, por construírem eles próprios os atrativos da cidade. É importante lembrar ainda do planejamento prévio, bem como a sua estratégia numa escala local e regional. Esses fundamentos são de suma importância para viabilizar o sucesso e a continuidade dos projetos que, por ventura, vierem a ser instalados.

Assim, após a discussão dos principais eixos teóricos, passaremos para a caracterização do objeto em estudo, visando o resgate de suas memórias e a compreensão de suas relações com os diversos aspectos da cidade.

3 A HISTÓRIA DA CIDADE: ENTRELAÇANDO FATOS, RELATOS E DADOS

3.1 Origem do município

Os primeiros habitantes de Matinha foram indígenas, já não tão selvagens. Estes possuíam uma boa área de terra onde hoje é o atual território do município.

Conforme pesquisas feitas em documentos do mês de outubro e novembro de mil oitocentos e vinte, que, por ordem do juiz da Comarca Diogo Guilherme Boyele e o mineirinho ajudante da corda, José Franco, comprova-se esta afirmativa:

_ Para efeito de dar princípios a esclareção dos rumos das **Terras dos Índios** da mesma vila, em virtude de portaria retro e requerimento do seu procurador e principal...

_ Declarando sua qualidade e o rumo que se devia seguir com aclaração e medição a encontrar com o marco de Pirucaua dos mesmos índios...

_ E se tudo medido setenta braços se encontrou com a estrada que vem de **Roma para Galiza...**

_ Num documento datado de 11 de agosto de 1977, formal de Partilha, a favor de João da Cruz, Honorata Meireles de Carvalho, João Eufêmio dos Santos e Domingos de Silos Meireles, extraídos dos autos do arrolamento dos bens deixados por falecimento de Ezequiel Meireles, Bernardo Meireles, a uma certa altura desse documento, encontra-se a seguinte afirmação: “Na paragem do marco do sítio de Matinha, redizia a índia Guardiana.

Pelo exposto considera-se que realmente foram os índios os primeiros habitantes do município de Matinha.

Este texto foi transcrito de documentos existentes no arquivo do Dr. José de Conceição Amaral *apud* Euzebia (2010).

3.2 Colonizadores

A chegada dos primeiros colonizadores data do século XIX. Estes, que vieram de Portugal, instalaram os primeiros engenhos de açúcar em um no local intitulado “Nazaré”, cujo dono era o Padre João do Lago e em “Santa Maria” que era do Comendador Antônio Alves da Silva.

Anos depois, estimulados pelas atividades desenvolvidas na região, outras propriedades se instalaram na região, tais como o Engenho Belas Águas, do Sr. Aniceto Mariano Costa, meu bisavô, fábricas de farinha de mandioca no sítio “Espanha”, do comendador João Belfort e em “Santa Maria dos Meireles”, de propriedade de Ezequiel Meireles. Estes colonizadores trouxeram consigo escravos os quais trabalhavam nos serviços das lavouras.



Foto 1 – Engenho Nazaré, primeiro engenho instalado em Matinha.
Fonte: arquivo pessoal, 2012.



Foto 2 – Engenho Belas Águas, de propriedade de Aniceto Costa – família da qual faço parte.
Fonte: arquivo pessoal, 2011.



Foto 3 e 4 – Tachos e moenda que eram usados na fabricação de açúcar- Fazenda Nazaré.

Fonte: Arquivo pessoal, 2012.



Foto 5 e 6 – Antigas instalações do Engenho Belas Águas.

Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Com o falecimento do dono do engenho Santa Maria, o Comendador Antônio Alves da Silva, o seu filho João Carlos Serra Silva mudou o engenho para o lugar chamado “Bom Jesus”. João Carlos tinha dois irmãos: Gustavo e Serapião que se estabeleceram às margens da estrada que dava acesso ao município de Viana, hoje atual Avenida Major Heráclito Alves da Silva. Este lugar tratava-se da zona sul da Sesmaria do Jardim, área de propriedade do próprio João Carlos Serra Silva, onde apareceu a primeira casa comercial. A segunda, surgiu às margens dessa mesma estrada e era dos irmãos Heráclito Ovídio Alves da Silva e Antônio Augusto Alves da Silva, filhos de Gustavo Serra Silva.



Foto 7 – Atual Avenida Major Heráclito.

Fonte: Afama , 2010.

Com a abolição da escravatura no dia 13 de maio de 1888, pela Lei Áurea, muitos escravos das fazendas vizinhas fixaram-se perto das casas comerciais, formando um pequeno núcleo residencial. O terreno era fértil cobiça dos imigrantes. Muitos vieram e assim surgia o povoado de Matinha, pertencente ao município de Viana. A origem do nome Matinha deve-se à existência de uma pequena ponta de mata, no local que dava acesso a área e até o lago do Aquirí. Por causa desta localização muitas pessoas costumavam denominar o povoado de Mata.

3.3 Emancipação Política

Matinha continuava a crescer. Os irmãos Alves da Silva não pouparam esforços para que isso acontecesse. Vinte anos mais tarde foi criado, pela Lei nº719 de 05 de abril de 1916, o Cartório do Registro Civil, tendo como seu primeiro escrivão Luiz Gonzaga Pinto e como primeiro Juiz de Casamento Gustavo Adolfo Serra Silva.

Três anos depois (1919), pela Lei 857 de 04 de abril de 1919, Matinha foi elevada à categoria de Vila e logo em seguida, pela Lei nº 931 de 07 de abril de 1920, à categoria de município. Nesse período era governador do estado o Dr. Urbano Santos. A Lei nº 501 de 04 de maio de 1920 fixou as eleições para Prefeito e Vereadores e, infelizmente, para descontentamento do povo matinhense, a criação do município só ficou no papel, não havendo eleição para Prefeito e Vereadores naquele ano.

Enquanto o povo comemorava radiante, o decreto 932 de 03 de agosto de 1920 adia as eleições por tempo indeterminado. Para consolo dos matinhenses (assim é o gentílico que nascem em Matinha) em 1922 foi instalada a Coletoria Estadual cujo primeiro Coletor foi o Sr. José Pedro da Silva (Zuca), filho do Coronel Antônio Augusto Alves da Silva.

O Coronel Antônio Augusto, achando que era de grande necessidade em sua terra a construção de um mercado e um cemitério, mandou construí-los, sacrificando suas próprias economias. O mercado era situado no meio da atual Avenida Major Heráclito, em frente onde hoje é a casa do Sr. José Maria Cunha Rebelo. O cemitério, que já foi arado, ficava em frente onde hoje é a Praça Castelo Branco. O terreno deste cemitério foi, posteriormente, loteado para construção de casas de moradia.

No ano de 1926, a 17 de março faleceu o Major Heráclito Ovídio Alves da Silva, ficando à frente da política de Matinha o seu irmão (Zuca) e seu sobrinho, filho do major Heráclito, o Tenente João Amaral da Silva.

As pesquisas nos dizem que entre os anos de 1936 e 1939, funcionou em Ponta Grossa uma fábrica de Tiquira, bebida feita com raiz de mandioca. Essa fábrica era de propriedade do Sr. José Pedro da Silva (Zuca), tendo como funcionário um senhor chamado Amaro, fugitivo da seca do Ceará. Ele foi um dos primeiros a fazer caieras para a fabricação do carvão na região.

Tempos depois, por volta de 1943, o escritor Astolfo Serra, membro da Academia Maranhense de Letras, descreve em seu livro “A vida simples de um professor de aldeia” traços da vida desse pitoresco lugar do interior maranhense – a cidade de Matinha.

Grandes árvores ramagulhadas enfeitam-na, enchendo-a de perfumes de flores e de coloridos de frutos. A sua população se espalha incoerentemente em casas de palha ou de telhas, tapadas de barro vermelho, ou caiadas de branco e ornadas de barras cor de oca, azuis e pretas. As ruas trazem ainda as reminiscências dos velhos caminhos por onde troteiam cavaleiros e passam manadas de gado manso, ou são estradas coletantes, primitivas estradas de penetração e cortadas de rastros de animais, ou vincadas pelos sucos profundos das rodas de carro-de-boi. Não há uma cadeia na vilazinha, mas lá há dois colégios... Matinha é esse pitoresco povoado maranhense, encravado entre terras firmes da zona das matas e campos verdes do lago do Aquiri. (SERRA, 1945 p.41-42).

Apesar de tantos melhoramentos na Vila de Matinha, os seus moradores não se acomodaram e continuaram sonhando com sua emancipação política. Não demorou muito a se sentir os efeitos da nova direção política de Matinha. O incansável João Amaral da Silva Matos conseguiu que fosse assinalada a 31 de dezembro de 1948 a Lei nº 267 que criava o município de Matinha. A instalação se deu em 15 de fevereiro de 1949, data em que os matinhenses comemoram o aniversário do município. Estava assim concretizado o grande sonho do povo, que era desmembra-se do município de Viana e poder crescer e destacar-se dentre os municípios do Estado do Maranhão.

Após o desmembramento, Matinha teve o seu primeiro Prefeito, o Sr. Manoel Antônio da Silva. Este foi um prefeito não constitucional. A primeira eleição só foi realizada em novembro de 1949 e teve como candidato único o Sr. Aniceto Mariano Costa – primeiro prefeito constitucional- que governou de 1949 a 1954. Nos dias atuais tem como gestor o Dr. Emanuel Rodrigues Travassos, tendo seu mandato até o presente ano de 2012.



Foto 8 – Foto área de da Avenida Major Heráclito, com prefeitura ao centro.
Fonte: Afama ,2010.

3.4 Análise Territorial

Localizado a oeste e sudeste da Ilha de São Luís, Matinha é um dos municípios que o compõe a chamada região dos lagos, juntamente com Viana, Penalva, Cajari, Vitória do Mearim e outros, sendo esses inseridos na microrregião da baixada maranhense.



Figura 1 – Mapa do Maranhão com referência a Matinha
Fonte: Wikipédia.org, 2012

Matinha está a 240 km de São Luís e a principal via de acesso é a MA 014. O município foi erguido, inicialmente, sobre uma planície alagada e cuja posição era estratégica para controlar o acesso fluvial ao interior do território em função do comércio aquaviário. Seu núcleo principal de povoamento se desenvolveu em uma configuração urbana triangular, sendo formada por duas vias principais onde se alternam uma área topografia plana com uma mais acidentada.

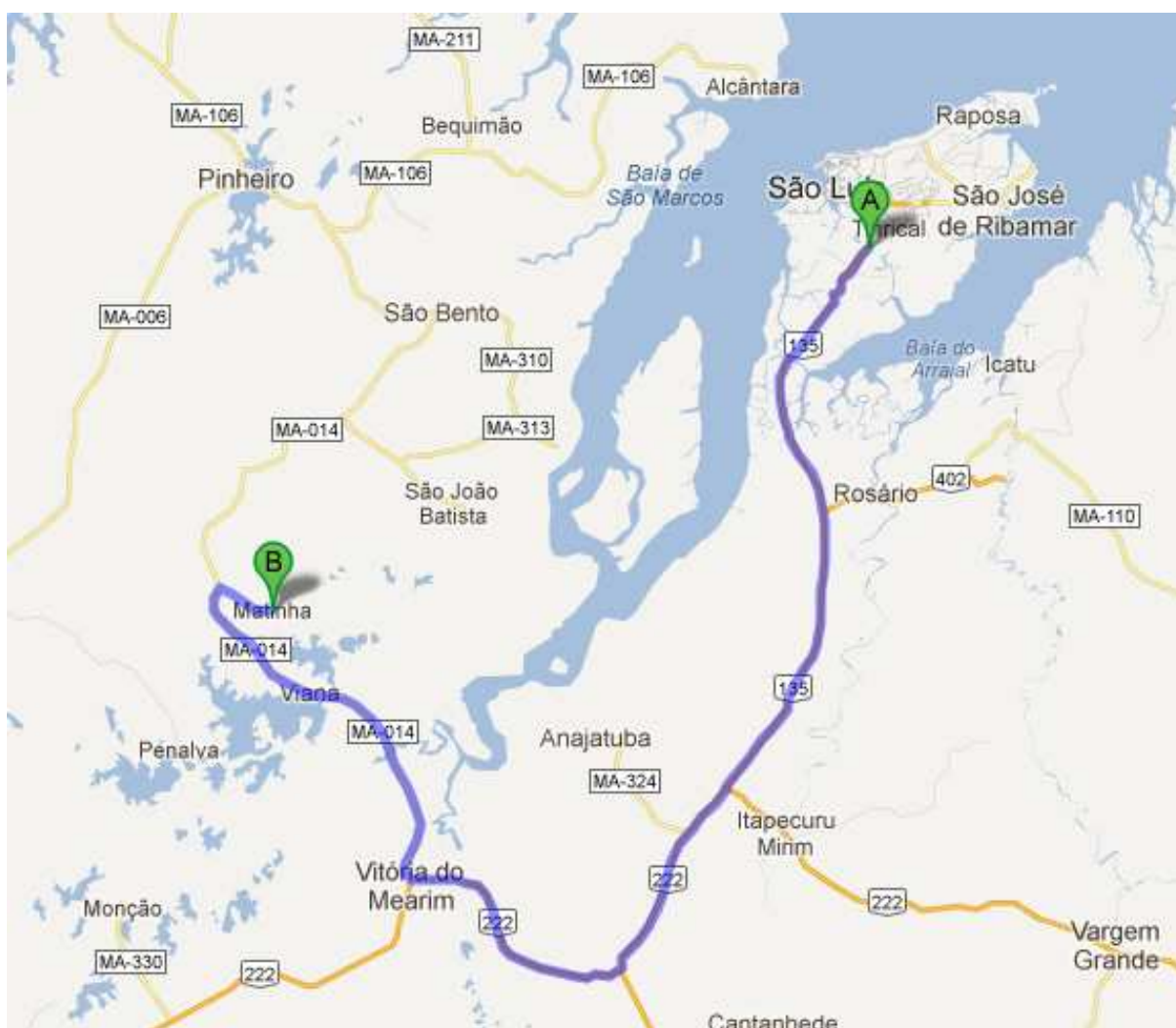


Figura 2 – Mapa rodoviário – São Luís a Matinha.

Fonte: Google maps, 2012

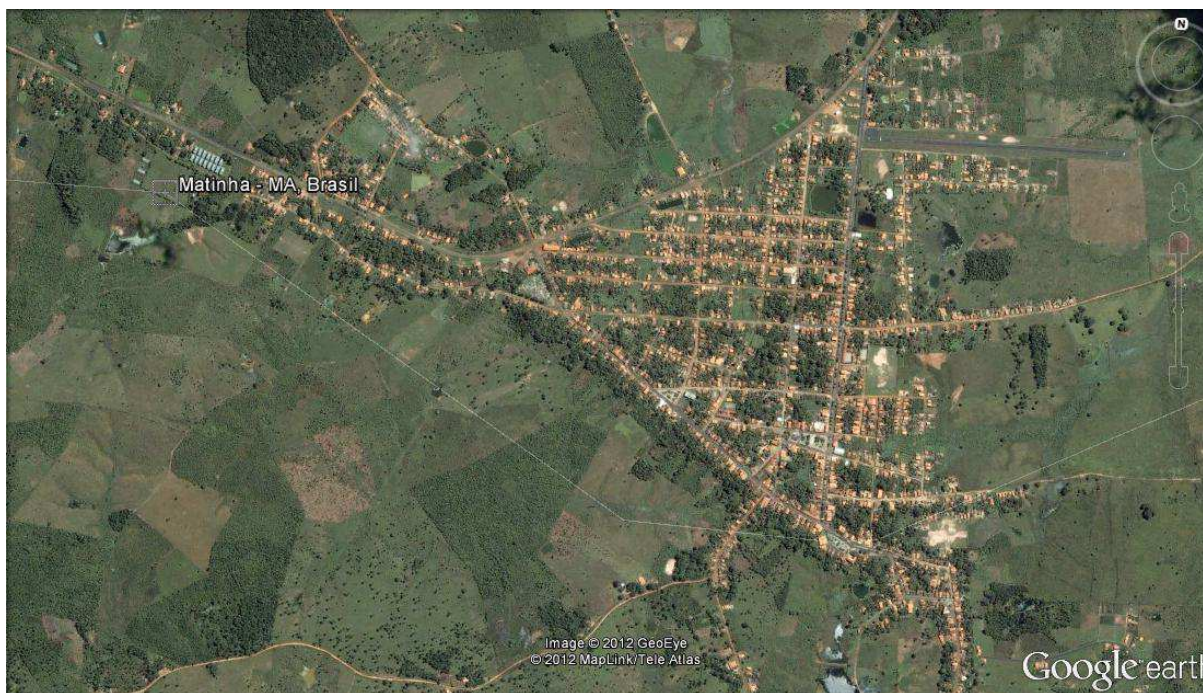


Foto 9 – Vista aérea do Município de Matinha

Fonte: Google earth, 2012

4 REVELANDO IDEIAS E DESCOBRINDO SOLUÇÕES

4.1 Conceito: “O passado é o presente na memória”

Visando adotar um conceito baseado nas discussões levantadas, bem como nos elementos percebidos no resgate histórico, utilizaremos como fio condutor do processo projetual o conceito “Revelando Memórias”.

Assim, como já foi discutido anteriormente, memória é tudo aquilo que guardamos durante a vida, seja ela de forma permanente ou temporária, selecionando fatos segundo o grau de importância que cada um atribui a eles. Outro fato importante é que, assim como o corpo, a memória envelhece e morre, sendo que é nessa fase que o comportamento muda e se torna mais lento. Já não se consegue aí, gravar o seu cotidiano, reportando-se assim ao passado, pois é nele que se sente os detalhes, cheiros e gratas recordações que a juventude deu a oportunidade de armazenar.

Dessa forma, revelar ao presente e às gerações futuras o que o passado acumulou como experiência é disponibilizar erros e acertos para construção de sua

própria identidade. Essa manifestação, assim como no ato de quem vasculha caixas de antigas fotografias revelando momentos até então perdidos na memória, que o edifício proposto se abre para a cidade e coloca à disposição da sociedade a sua própria história.

4.2 Dois contextos, Duas Referências Projetuais

4.2.1 Centro Cultural de Araras – São Paulo

O projeto foi resultado de um concurso nacional de projetos realizado em 2004, para a Recuperação da Histórica Estação Ferroviária de Araras com o intuito de se implantar o Centro Cultural Municipal. O concurso foi promovido pela Associação de Cultura e Artes de Araras, organizado pelo IAB-SP, tendo como interventores a Fundação Bienal São Paulo e o patrocínio da Companhia Nestlé Brasil.



Foto 10 – Vista da marquise e arquibancada, que favorecem eventos externos.

Fonte: <http://concursosdeprojeto.org>

O projeto vencedor do concurso, segundo o site <<http://concursosdeprojeto.org>> é de autoria dos arquitetos Bruno Bonesso Vitorino, André Dias Dantas, André Maia Luque, Fernando Botton e Renato Dala Marta. Aproveitando a antiga estrutura, os arquitetos reconstruíram os edifícios deteriorados e elegeram o aço corten para distinguir os novos elementos dos preexistentes.

Ainda de acordo com o site, o conjunto da antiga estação de Araras é datado do final do século XIX e entrou em funcionamento em 1877, como ponta de linha do ramal da Companhia Paulista que partia de Cordeirópolis. A rápida expansão da malha ferroviária garantiu maior importância à estação. A construção original, um galpão de madeira, foi substituída por uma edificação em alvenaria em 1882.

O prédio sofreu várias reformas durante as primeiras décadas do século XX. Os armazéns foram construídos em 1887 e 1924. A estação atendeu o transporte de passageiros até 1977 e os trens cargueiros cessaram suas atividades no final da década de 1980. Aos poucos os trilhos foram sendo retirados e as edificações abandonadas. Além do desgaste natural o conjunto foi vandalizado e pilhado. O grave processo de deterioração apagava parte da história ferroviária e da cidade de Araras.



Foto 11 e 12 – Antiga estrutura da estação de ferro de Araras - SP

Fonte: <http://concursosdeprojeto.org>

A intervenção no conjunto existente teve como objetivo resgatar e valorizar as características históricas de cada construção. Isso se deu através da restauração de seus elementos construtivos e da inserção de novos atributos relativos à mudança de uso. Os novos itens incorporados ao patrimônio são característicos da contemporaneidade e, assim, reforça a distinção entre a intervenção e a originalidade do conjunto.

Funcionalmente, o partido arquitetônico foi pautado na distribuição do programa de necessidades pelas construções originais, na criação de uma nova edificação para complementação do espaço necessário e na expansão, através de uma nova estrutura.

A linearidade do complexo foi reforçada através das novas edificações propostas, construções que fazem alusão ao antigo uso do sítio. O material eleito para a interface entre o primitivo e a intervenção foi o aço corten. Este foi escolhido porque a nova edificação proposta tem como princípio aludir a um grande vagão. A fim de garantir a unidade da intervenção os novos elementos arquitetônicos propostos também foram construídos com o mesmo material.



Foto 13 – Vista da antiga plataforma de embarque

Fonte: <http://concursosdeprojeto.org>

Outra intervenção foi a plataforma da estação, que atua como elemento integrador do conjunto edificado. A cobertura da mesma foi estendida através da construção de uma marquise de concreto que atua como uma nova estrutura de conexão; um novo elemento que valoriza as edificações remanescentes configura novas áreas de convivência e estabelece relações com espaços internos e externos. A marquise se expande na porção central do terreno de modo a criar um abrigo para o espaço de convivência.

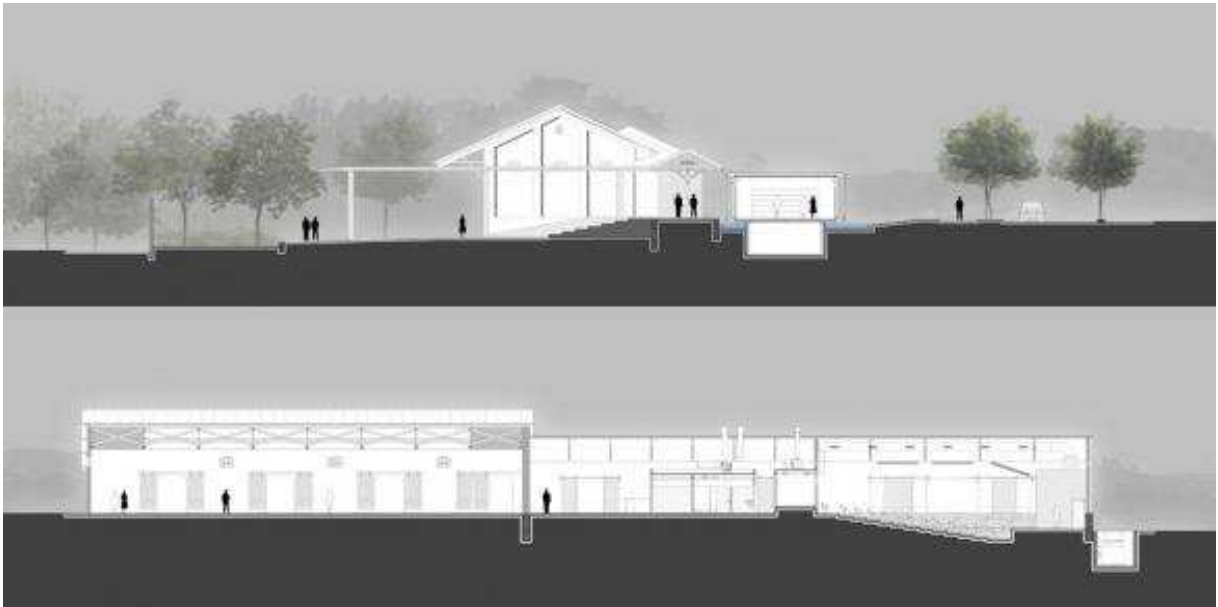


Figura 3 – Cortes que mostram o desnível propício para a implantação do auditório

Fonte: <http://concursosdeprojeto.org>

Cortado pela linha férrea, para facilitar as operações de carga e descarga, o armazém apresentava estrutura metálica na cobertura, feita com os mesmos perfis dos trilhos, e a configuração das docas com desnível entre pisos. Essa diferença de altura foi propícia à implantação do auditório, com plateia de 200 lugares, na parte mais baixa. A área mais elevada, com novas alvenarias identificadas pela cor vermelha, ficou reservada para o foyer, a sala de projeção e a de tradução simultânea.

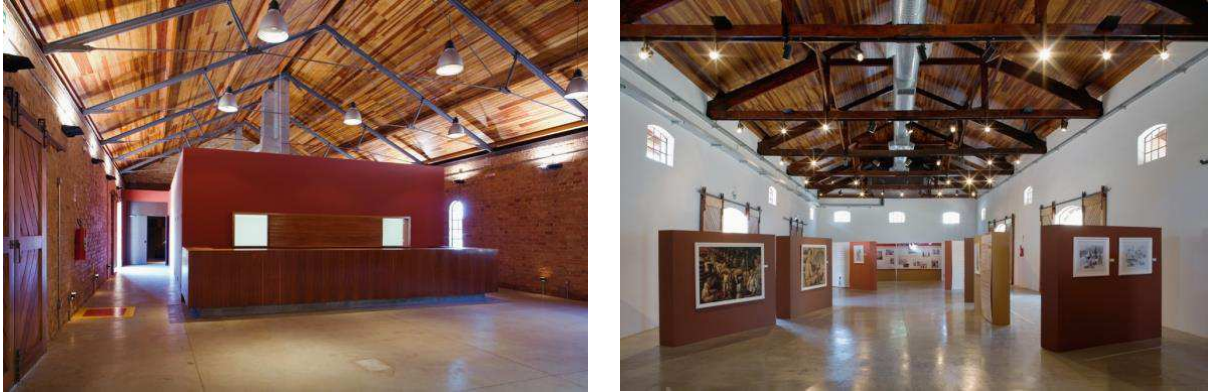


Foto 14 e 15 – Vista interna da área de exposições

Fonte: <http://concursosdeprojeto.org>

Dessa forma, percebe-se que a adequação deste espaço de entorno histórico não interfere na leitura do entorno e, além de se adequar as atuais necessidades projetuais, agrega valor a área, sendo capaz de se tornar um elemento diferenciador e simbólico.

4.2.2 Teatro de ópera - Guangzhou, China.

A Ópera é um elemento importante no planejamento da prefeitura de Guangzhou, cidade de 6 milhões de habitantes, para dinamizar as atividades culturais na região e atrair turistas. O projeto da edificação, segundo o site <<http://www.arcoweb.com.br>>, foi escolhido em um concurso internacional realizado em 2002 e vencido pela equipe de Zaha Hadid. A construção foi concluída em 2010.

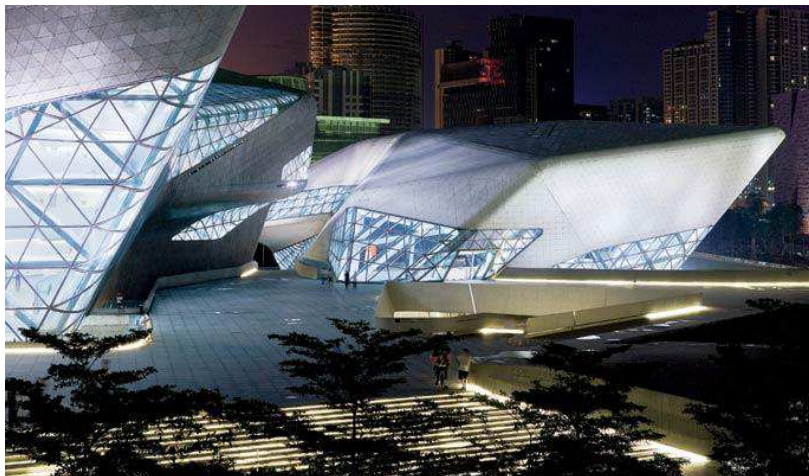


Foto 16 – Vista noturna do Teatro

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>

À beira do rio Guangdong (rio das Pérolas), o conjunto ocupa um lote entre edifícios culturais e arranha-céus do setor financeiro do bairro de Zhujiang. A obra totaliza 73 mil metros quadrados construídos em um terreno de 42 mil metros quadrados, com ampla área livre e dois edifícios, ambos com salas de ensaio e apoio, espaços administrativos, lobbies e lounges, cafeterias e restaurante.

O prédio menor tem quatro pavimentos superiores e um subterrâneo, e auditório com 440 assentos. O maior conta com sete pavimentos superiores e quatro inferiores; nele se localiza a sala de concertos principal, com plateia para 1,8 mil pessoas e palco de 300 metros quadrados.

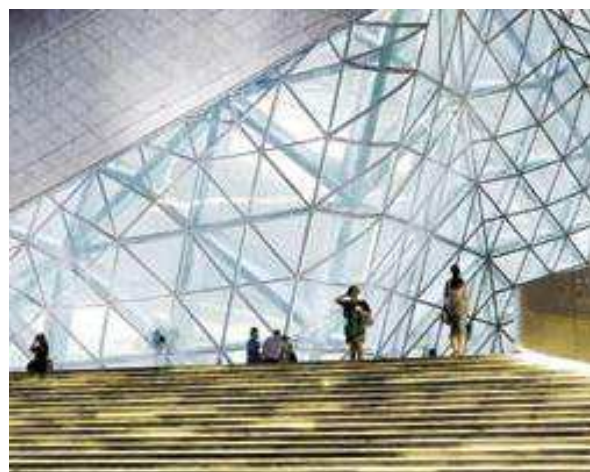


Foto 17 e 18 – Vistas das estruturas assimétricas que definem o volume da edificação

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>

As pedras do rio, moldadas pela erosão, serviram de inspiração para a volumetria e, é nesse contexto, em entrevista ao site arcoweb, que Zaha Hadid (2011, s/p) salienta que “na cultura chinesa, a ideia de seixos e rochas às margens de um rio é como uma metáfora, repleta de significados”.

Quando projetou o edifício, porém, a arquiteta não pensava em construir essa metáfora, revela a autora:

“Queríamos realizar uma analogia da paisagem, de forma que as características da natureza pudessem se expressar na arquitetura. Um exemplo são as suaves linhas do terreno inclinado que penetram nos volumes da Ópera como curvas assimétricas, definindo as lajes de transição entre os pavimentos”. (2011, s/p).

No interior dos edifícios, essas linhas dividem-se no sentido vertical, delimitando os espaços secundários e configurando o perímetro das salas de concerto. Comum nos projetos de Zaha Hadid, a assimetria resultante se justifica pela experiência anterior da arquiteta, para os quais ela dá real profundidade à acústica natural. A segurança da complexa estrutura dos edifícios foi garantida pelos arquitetos de Londres, que definiram previamente todos os detalhes construtivos, como as 59 juntas de aço que compõem o esqueleto do prédio principal. Elas diferem umas das outras e, segundo Zaha Hadid (2011,s/p), “foram fundidas em areia, como se fossem sinos medievais, mas montadas com precisão milimétrica a partir do uso de laser e de sistemas de posicionamento GPS”.



Foto 19 – Vista interna do teatro

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>

A acústica, porém, foi resolvida com o apoio de consultores locais, porque os requisitos de áudio em um espetáculo diferem entre o Ocidente, onde se explora a acústica natural da sala, e a China, onde o foco na dramaticidade permite a utilização de equipamentos de som.

Assim, dentro dos auditórios, a solução são painéis de gesso reforçado com fibra de vidro (GRG), que possibilitam a criação de uma superfície única com múltiplas dobras, e a aplicação de placas acústicas pontilhadas por elementos vazados, neste caso com medidas calculadas uma a uma.

O exterior dos dois prédios, por sua vez, é revestido com peças triangulares de granito moldadas de acordo com os vãos entre a estrutura. Placas triangulares de tessela ocupam a base dos edifícios, mas no maior deles foi usado granito cor de carvão com textura áspera, enquanto no menor, onde está o salão multiuso, foi aplicado um granito mais claro.



Foto 20 e 21 – Fachada lateral do conjunto e vista interna da sala de dança e balé

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br>

Assim, a edificação repousa em um ambiente onde se pode observar o grande apego pela tecnologia e a postura visionária dos orientais, tornando o espaço um ícone para a população. Dessa maneira, conclui Zaha Hadid em entrevista ao site arcoweb:

“Esses acabamentos texturizados reforçam nosso conceito geral, que remete a pedras erodidas, no caso do granito, e à água de um córrego, no caso das tesselas - é a manutenção da nossa linguagem arquitetônica, baseada na exploração das formas da natureza, na analogia da paisagem” (ZAHA, 2011, s/p).

4.3 Programa de Necessidades

Diante da análise dos referenciais projetuais, do histórico e das pesquisas de campo, bem como a verificação das necessidades e anseios dos envolvidos

direta ou indiretamente no seu espaço urbano, elaborou-se o programa de necessidades que irá contemplar os seguintes itens:

- **Praça Externa:** Área voltada à integração social;
- **Lanchonete:** Espaço destinado ao preparo e distribuição de lanches e refeições rápidas;
- **Loja:** Área para a comercialização de produtos de artesanato e lembranças da cidade;
- **Salão de exposições:** Área para amostras temporárias, permanentes ou trabalhos desenvolvidos pela própria instituição;
- **Administração:** Espaço voltado ao atendimento público e controle de acervo;
- **Sanitários**
- **Sanitários P.N.E.**
- **Foyer**
- **Sala de Som e Imagem:** Ambiente destinado ao controle dos equipamentos audiovisuais em apresentações cênicas, musicais, cinema ou encontros empresariais;
- **Copa de Apoio:** Espaço voltado para distribuição de lanches e refeições rápidas em eventos e comemorações;
- **D.M.L.** (Depósito de Material de Limpeza)
- **Auditório/Teatro:** Espaço destinado à realização de espetáculos cênicos, cinema, música, encontros educacionais e empresariais;
- **Depósitos**
- **Sala de Pintura e Desenho**
- **Sala de Música**
- **Sala Multiuso:** Espaço destinado a reuniões, cursos e treinamentos;
- **Grupo Gerador:** Área voltada para o armazenamento de máquinas e geradores de energia;

- **Casa de Bombas** (reservatório Inferior)
- **Área para Condensadores**

4.4 Localização e Caracterização do Entorno

A escolha do terreno levou em consideração alguns requisitos indispensáveis e foi baseada em uma análise da Matriz Swot, apontando os pontos fracos, pontos fortes, ameaças e oportunidades. Além disso, prevê um posicionamento que leve em conta um planejamento estratégico nas proposições para o local.



Foto 22 – Vista aérea da área de intervenção
Fonte: Google earth com modificações do autor, 2012

4.4.1 Diagnóstico

a) Pontos Fortes

- Localização privilegiada dentro da rede urbana de transportes;
- Importante área da atividade comercial;
- Desenvolve papel importante como local de referência para a prática de atividades culturais, visto a sua proximidade com o local de maior troca social da cidade – a Praça Central;
- Proximidade com serviços de cunho educacional como a biblioteca municipal, escolas de ensino básico e médio;

b) Pontos Fracos

- Pouca segurança e acessibilidade;
- Espaços de vivência não convidativos;
- Baixa segurança, principalmente no período da noite;
- Deficiência na infraestrutura;

c) Oportunidade

- Festas tradicionais do calendário municipal e eventos esportivos;
- Temporadas sazonais: Férias de verão, Carnaval, São João e Réveillon;
- Programas Governamentais;
- Investimentos Privados;
- Copa do mundo 2014;
- Olimpíadas Rio 2016

d) Ameaças

- Degradação dos sítios arqueológicos remanescentes;
- Falta de apoio para com as atividades tradicionais da região;
- Mau uso dos seus espaços físicos, aumentando a insegurança;
- Ausência de reserva urbana para a promoção de projetos governamentais;

e) Problemática: **A cidade não desejada**

A estrutura no local não satisfaz mais o papel funcional exigido pela população, nem as necessidades de produção e consumo.

4.4.2 Plano de Ações

Dentro de um contexto voltado ao planejamento estratégico a nível local e municipal, serão abordados os objetivos e intenções para o local. Assim, a proposta de construção de um Centro de Memória e Cultura no Município de Matinha – MA, visa gerar um conjunto de proposições técnicas, institucionais e financeiras, para resgatar sua história e seus espaços de memória. Dessa maneira, pretende-se integrar a cidade às exigências contemporânea de novos usos, funções e atividades, conectando-a assim com o futuro.

A proposição de ações leva em consideração os aspectos levantados na análise feita com a matriz SWOT e trabalha a perspectiva de solução dos pontos fracos, minimização de ameaças e aproveitamento de possíveis oportunidades, contemplando assim, os seguintes pontos:

- Garantir a permanência sustentável dos atuais moradores, através de arranjos produtivos que gerem emprego e renda;
- Aumentar a diversidade das atividades por meio de pequenos serviços necessários para a manutenção do uso residencial;
- Melhorar os espaços públicos para a reunião, espetáculos culturais, turismo e lazer;
- Manutenção e valorização do patrimônio natural e cultural, fortalecido por uma política de educação patrimonial e ambiental;
- Promover cursos profissionalizantes;

Dessa forma “a gestão estratégica urbana, pautados em procedimentos mais reflexivos e adaptados a uma sociedade complexa, pressupõe menos ênfase nos objetos isolados e mais ênfase nas relações” (MONTANER 2008).

4.4.3 O terreno

Com uma área de 1.005 metros quadrados, o terreno proposto para a implantação do projeto está localizado em uma região de cota inferior em relação ao entorno, favorecendo a concentração de água pluvial. Ele se apresenta ocupado atualmente pelo antigo Mercado Municipal, o qual já foi transferido para outra localidade, assim, o mesmo é de propriedade da prefeitura, o que favorece a ocupação para fins sociais.



Foto 23 – Vista do antigo mercado municipal

Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Sua fachada frontal está voltada para a Avenida Major Heráclito e sua fachada lateral para a Rua Aureliano Gomes da Silva. Nas proximidades encontram-se uma variada rede de comércios, a praça principal da cidade e a biblioteca municipal.

4.5 Concepção Projetual

Na concepção do partido arquitetônico buscou-se uma volumetria que se sobressaísse e interferisse harmonicamente com o entorno, tornando a edificação um marco referencial para a cidade.

A linguagem utilizada tomou como fio condutor o conceito “Memórias Reveladas”, explorando a potencialidade de materiais e técnicas ligadas à história da cidade. O conjunto formado por três volumes assimétricos e justapostos compõe uma relevante expressão formal e de significativa unidade plástica.

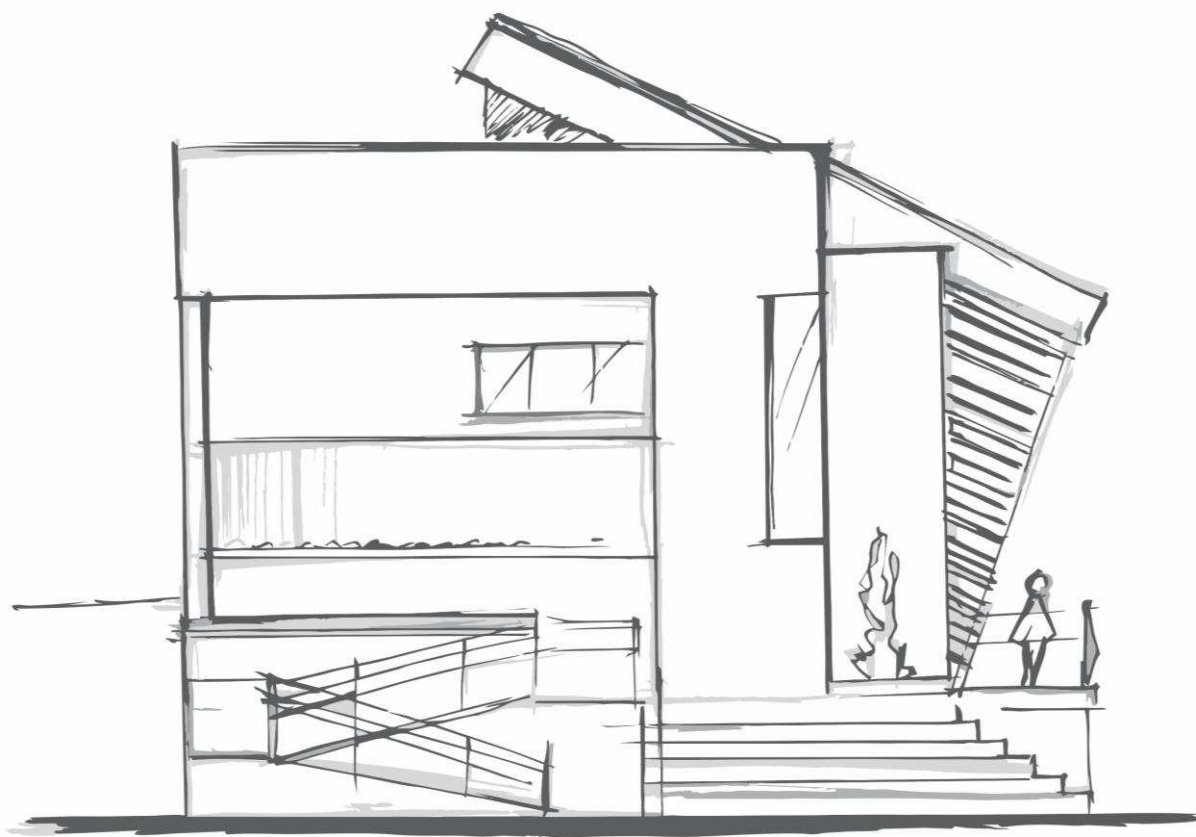


Figura 4 – Croqui de uma vista frontal da edificação

Fonte: arquivo pessoal, 2012.

A inserção de um volume angular, cujo objetivo é fazer uma analogia ao ato de vasculhar caixas antigas de fotografias, como numa revelação à memória, se soma ao edifício horizontal que equilibra a inquietude compositiva. Além disso, a plasticidade se articula ao conforto ambiental na medida em que promove a entrada

de iluminação natural e da ventilação predominante, onde o ar quente é retirado em função dos brises colocados na face oposta.

A transparência do hall de entrada e os brises da fachada lateral revelam um forro em madeira. A estrutura da cobertura frontal é sustentada por uma tesoura tipo alpendre em madeira de eucalipto e reforçada com peças metálicas para resistir ao momento fletor, a mesma se apoia em uma parede autoportante de tijolos maciços aparentes, executados tal como as casa tradicionais do local.

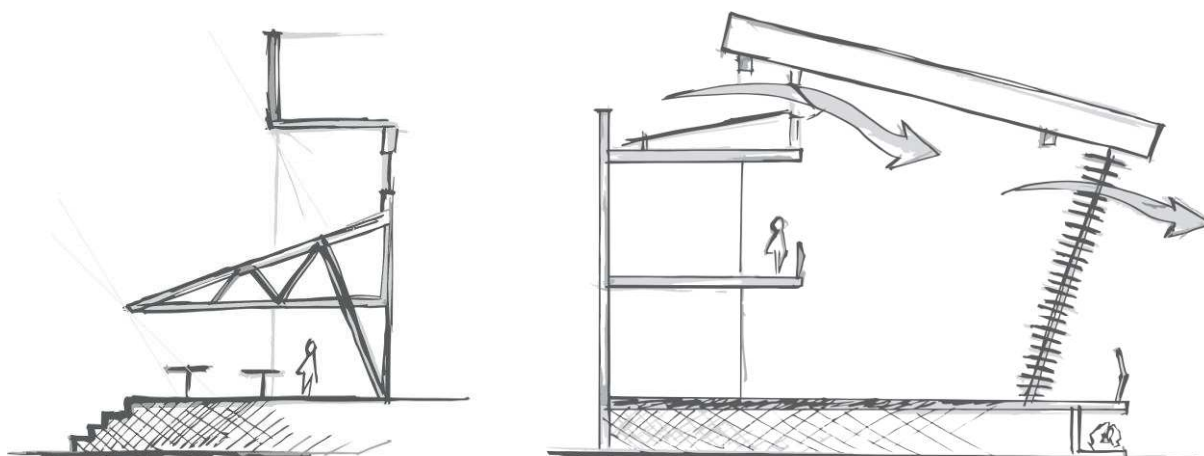


Figura 5 e 6 – Estudos de insolação e ventilação

Fonte: arquivo pessoal, 2012.

A planta se distribui em dois pavimentos. O primeiro, que foi elevado para facilitar a implantação do auditório/teatro e eliminar rapas interna, conta ainda com um pé-direito duplo que valorizando a monumentalidade. O segundo apresenta uma distribuição espacial que interage com o salão de exposição do térreo, tendo como acesso uma escada e um elevador social. A edificação apresenta ainda, um subsolo semi-enterrado, para a implantação da casa de máquinas e bombas, e uma rampa externa de acesso comum, que leva a uma praça externa de vivência.

Outro elemento compositivo é o edifício vertical, que marca a entrada principal da edificação, se erguendo como um pórtico a emoldurar a história. Por fim, o volume horizontal guarda em seu canto inferior direito o elo com o passado, numa

alusão ao processo acumulativo que engrandece a importância da memória para a formação do futuro.

4.6 Especificações

4.6.1 Estrutura

A estrutura da edificação é composta predominantemente por concreto armado convencional e lajes pré-moldadas, em alguns pontos, devido à especificidade do projeto, se utilizou vigas de aço perfil “i”, estrutura de metal treliçada e parede autoportante em tijolo maciço aparente.

4.6.2 Paredes e Divisórias

- As alvenarias serão executadas com tijolos cerâmicos e receberam chapisco e reboco com argamassa de cimento e areia grossa antes da aplicação do acabamento.

- Nas paredes internas o acabamento será em pintura látex acrílica sob massa corrida e aplicação de rodapé de 5cm perfil “u” em alumínio na cor preta. As paredes externas, segundo as especificações no projeto, contam com pintura acrílica sob massa corrida, revestimento em pastinha telada 30x30cm na cor vermelha e pintura texturizada.

- A edificação conta também, em detalhe especificado no projeto, com alvenaria de tijolo maciço aparente como vedação.

- Nos sanitários, divisória em granito cinza Andorinha, espessura 3 cm, altura 190cm, embutidas na parede e piso e unidas entre si com massa plástica.

4.6.3 Tetos

- Laje chapiscada, reboco fino e pintura com tinta Látex PVA cor branco Neve (ref. Suvinil).

- Forro acústico em gesso. Para Auditório/Teatro e Sala de Música

- Forro em placas de gesso liso acartonado, estruturado com 12,5 mm espessura. Para salas e sanitários. Acabamento: Emassado e pintado com pintura Latex PVA, na cor Branco Neve fosco (ref. Suvinil) e detalhes em canaleta de 5cm.

- No salão de exposições, forro em madeira corrida com régua de 15cm.

4.6.4 Brises

- Brise composto por conjunto de lâminas metálicas, com secção de 5x40cm, fixadas em estrutura de sustentação tubular de 10cm de diâmetro com pintura eletrostática na cor branca. Para Fachada lateral.

4.6.5 Revestimentos

a) Pisos externos

- Piso cimentado desempenado manualmente sobre lastro de concreto, espessura mínima 6cm. Contra piso em argamassa de cimento e areia seca ou fina, traço 1:3, com juntas de dilatação compostas por perfis plásticos 27mm x 3mm a cada 100cm. Para confecção dos passeios externos.

- Piso cimentado polido sobre lastro de concreto, espessura mínima 6cm, com juntas de dilatação compostas por perfis plásticos 27mm x 3mm. Para a praça externa.

- Placas em ladrilho hidráulico Pototátil composta em pó xadrez e pó de mármore 20x20cm cor Cinza claro, com orientação direcional em alto relevo para sinalização. Piso Tátil Direcional conforme NBR 9050.

b) Pisos Internos

- Piso cerâmico PEI 5, cor cinza claro, dimensões 30 x 30cm, assentado em junta corrida com 4mm de espessura e massa de rejunte na cor cinza médio. Para sanitários, copa, DML, loja, lanchonete, sala de som e imagem e administração.

- Piso em tábua corrida em madeira Ipê com 2,5cm de espessura. Para palco auditório.

- Piso cimentado polido sobre lastro de concreto, espessura mínima 6cm, com juntas de dilatação compostas por perfis plásticos 27mm x 3mm. Para salão de exposições e Foyer.

- Porcelanato bege da portobello, dimensões 45 x 45cm, assentado em junta corrida com 2mm de espessura e massa de rejunte na cor cinza médio. Para sala de desenho e pintura, de música e sala multiuso.

- Soleiras em granito cinza Andorinha, com espessura mínima de 15 mm e largura igual ao abrir da porta

4.6.6 Esquadrias

a) Janelas

- Janela em alumínio anonizado na cor preta com contra-marco em também alumínio na cor preta, em vidro temperado liso incolor 10mm, tipo máxim-ar.

- Janela em alumínio anonizado na cor preta com contra-marco em também alumínio na cor preta, em vidro temperado refletivo 10mm, tipo máxim-ar.

- Janela em vidro temperado liso incolor, com fixação contra-marco em alumínio, com abertura 2 folhas tipo correr.

b) Portas

- Porta acústica em MDF revestida com laminado e madeira 0,7mm com espuma de vedação nas extremidades.

- Portas em MDF revestida com laminado melamínico.

- Portas em grade de ferro com pintura eletrostática na cor branca.

- Portas e Vidro temperado 10mm incolor tipo correr.

4.6.7 Cobertura

- Cobertura com tenha termoacústica com poliuretano de 50mm e estrutura de sustentação em metalon.

- Laje impermeabilizada com manta asfáltica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se por meio deste trabalho, a complexidade que os temas abordados – memória, cultura e identidade – apresentam no discurso teórico atual. Porém, a utilização desses conceitos serve como aliados para a elaboração de projetos que acrescentem valor à paisagem urbana, gerando espaços projetualmente engajados como locais de memória coletiva.

Entretanto, num mundo em constante integração de dados informacionais e de necessidades por respostas imediatas, o vínculo exercido pelo tempo e espaço torna o objetivo final muito mais importante do que o processo, selecionando elementos superficiais de um dado contexto.

Em função disso, o edifício proposto resgata memórias coletivas de um tempo esquecido, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer o seu papel de seleção, realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado ou guardado na memória, podendo ser válida como informação para decisões futuras.

Além disso, a ligação entre a concepção de espaços públicos como lugares de memória coletiva demonstrou a importância de se projetar ambientes mais participativos que reflitam a necessidade da comunidade e de seu entorno, para assim, facilitar a sua apropriação. Um cenário vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, fornece matéria-prima para formação de símbolos, o que pode ser exemplificado por meio dos referenciais projetuais escolhidos, demonstrando a possibilidade de se trabalhar de forma contemporânea a história do lugar.

Esse reconhecimento do passado para entender o presente e pensar o futuro, contribui também para a discussão a cerca de uma política pública voltada a um planejamento estratégico que não se limite a objetos isolados, mas, dentro de uma rede de trocas sociais, pense a cidade como um conjunto.

Por fim, não podemos, contudo, decidir o que o futuro considerará importante resgatar deste nosso tempo, mas podemos fazer com que não se esqueçam de nós.

REFERÊNCIAS

ARCOWEB. **Teatro de ópera, Guangzhou, China**. 13 de junho de 2011. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br>> Acesso em 25 de maio de 2012.

ARGAN, Giulio Carlos. **História da arte como história da cidade**. Tradução: Pier Luigi Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANCLINI, Néstor Garcia. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n.º 23, 1994.

CONCURSOSDEPROJETOS. ORG. Revista eletrônica, ed. 012, ano 02, outubro de 2009. Disponível em: <<http://concursosdeprojeto.org>> Acesso em: 25 de maio de 2012.

COSTA, Euzébia Silva. **Matinha, um passado de luta e tradição**. Matinha, 2010.

HORTA, Eduardo. **Análise tipológica das estruturas comerciais urbanas: Relação entre o espaço público e o espaço privado**. Dissertação (Mestre em Urbanismo). Programa de Pós Graduação em Urbanismo – PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 2ª ed.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelhos da cidade**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LARAIA, Roque de Barro. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

LITTLEFIELD, David. **Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto**. 3 ed. , tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: James Miyamoto, Silvino Dias, José Barki. Porto Alegre: Bookman, 2011.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNATIVA, Pasqualino Romano. **O lugar da diferença**. In: Revista Arquitetura e Urbanismo. Vol. 6, nº 1, 2003. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br>> Acesso em: 30.04.2012.

MONTANER, Josep Maria. **Sistemas arquitectônicos contemporâneos**. Tradução :Gustavo Gili, Barcelona, 2008.

PINHEIRO, Ethel; DUARTE, Cristiane. **Esquecimento e reconstrução – Memória e experiência na arquitetura da cidade**. arquitetura revista - Vol. 4, nº 1:70-86 (janeiro/junho 2008)

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTOS, Lúcia Leitão. **Os movimentos desejanter da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1998.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 5ª ed.

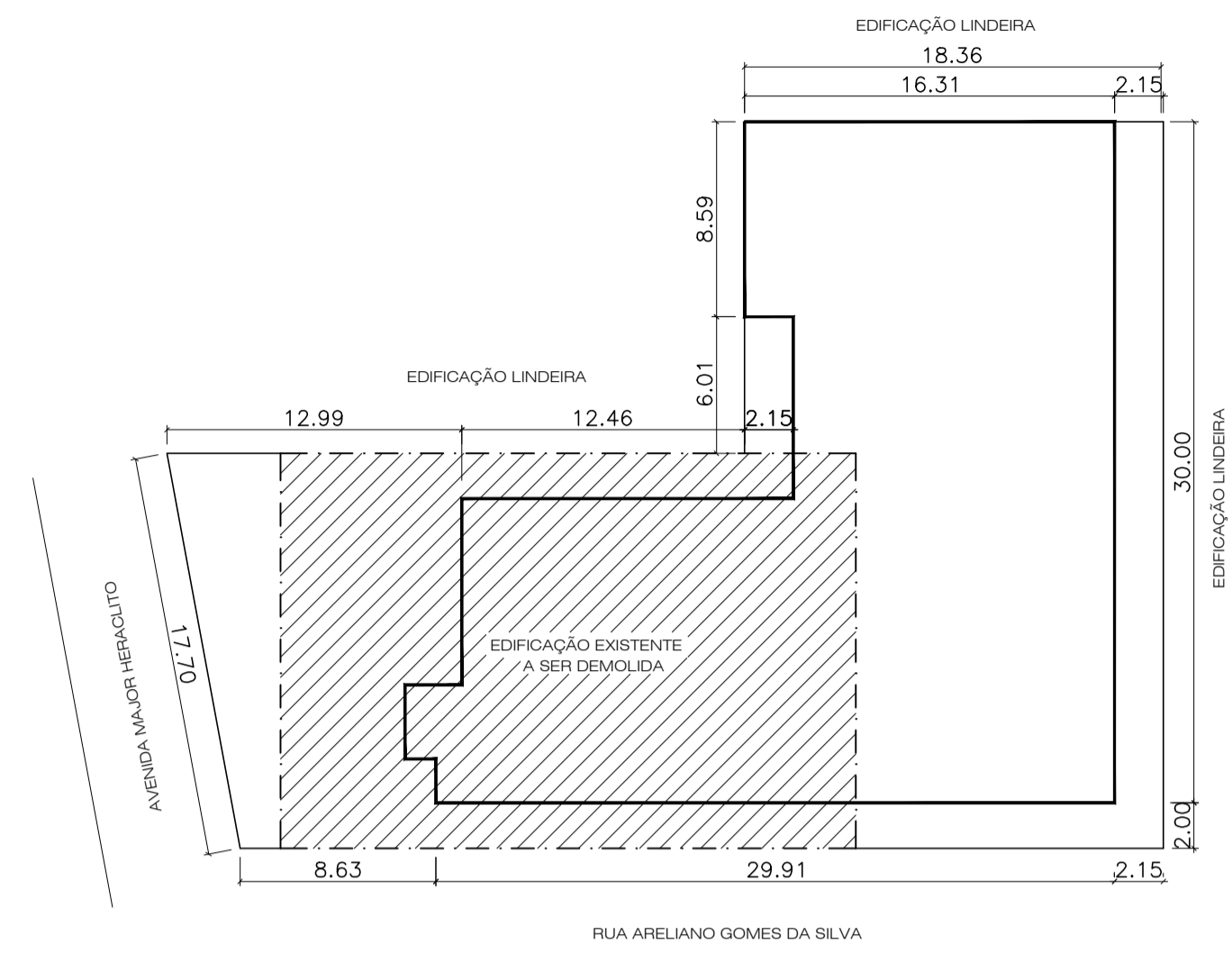
SERRA, Astolfo. **A vida simples de um professor de aldeia**. Rio de Janeiro, 1944.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. **A imagem da cidade turística: promoção de paisagens e de identidades culturais**. São Paulo: Revista eletrônica Vitruvius, set. 2005. Disponível em< <http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em 03-06-2012.

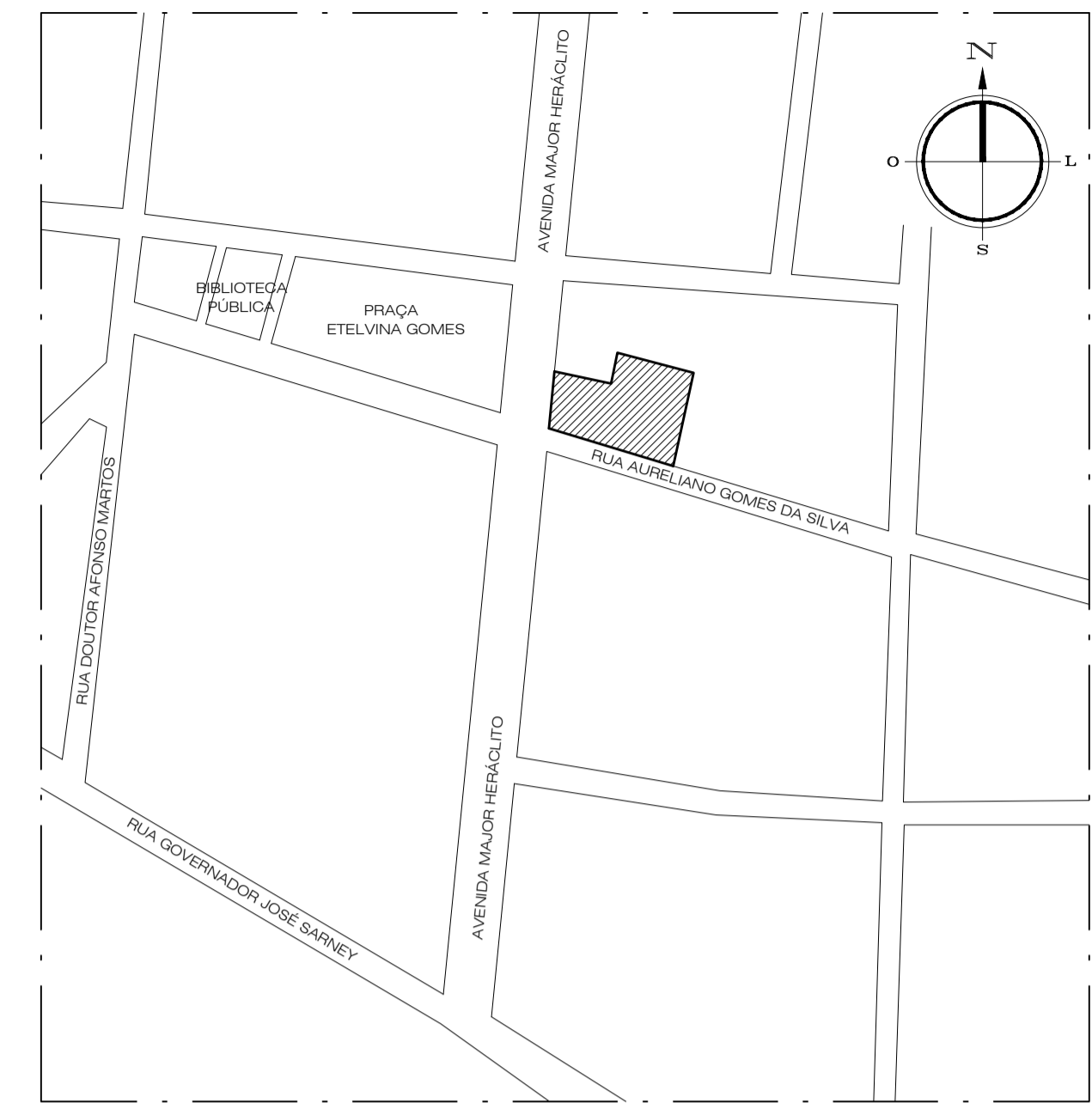
SINSOM, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento: o exemplo do centro de memória da UNICAMP**. Disponível em: < <http://www.lite.fae.unicamp.br> >. Acesso em: 20 março 2012.

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. **Experiência Estética, Arquitetura Urbana**. In: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. V.1, n.1(abr.. 1993). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 1993.

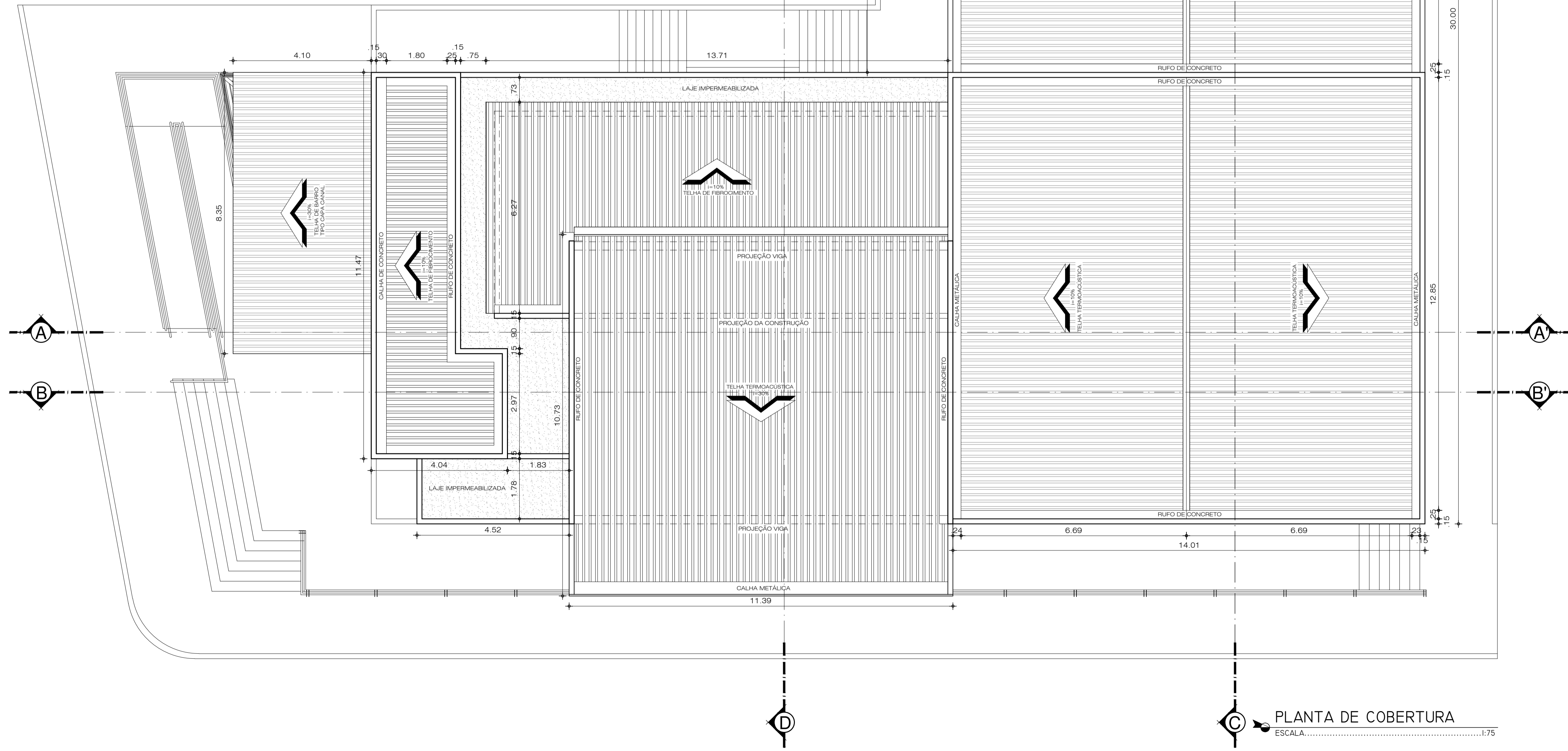
APÊNDICE – Anteprojeto: Centro de Memória e Cultura em Matinha-MA



PLANTA DE SITUAÇÃO
 ESCALA:1:200



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
 ESCALA:SEM ESCALA



PLANTA DE COBERTURA
 ESCALA:1:75

ARQUITETURA

01-08

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
 TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO:	PREFEITURA:
CAU:	BOMBEIROS:

PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
 MATINHA - MA**

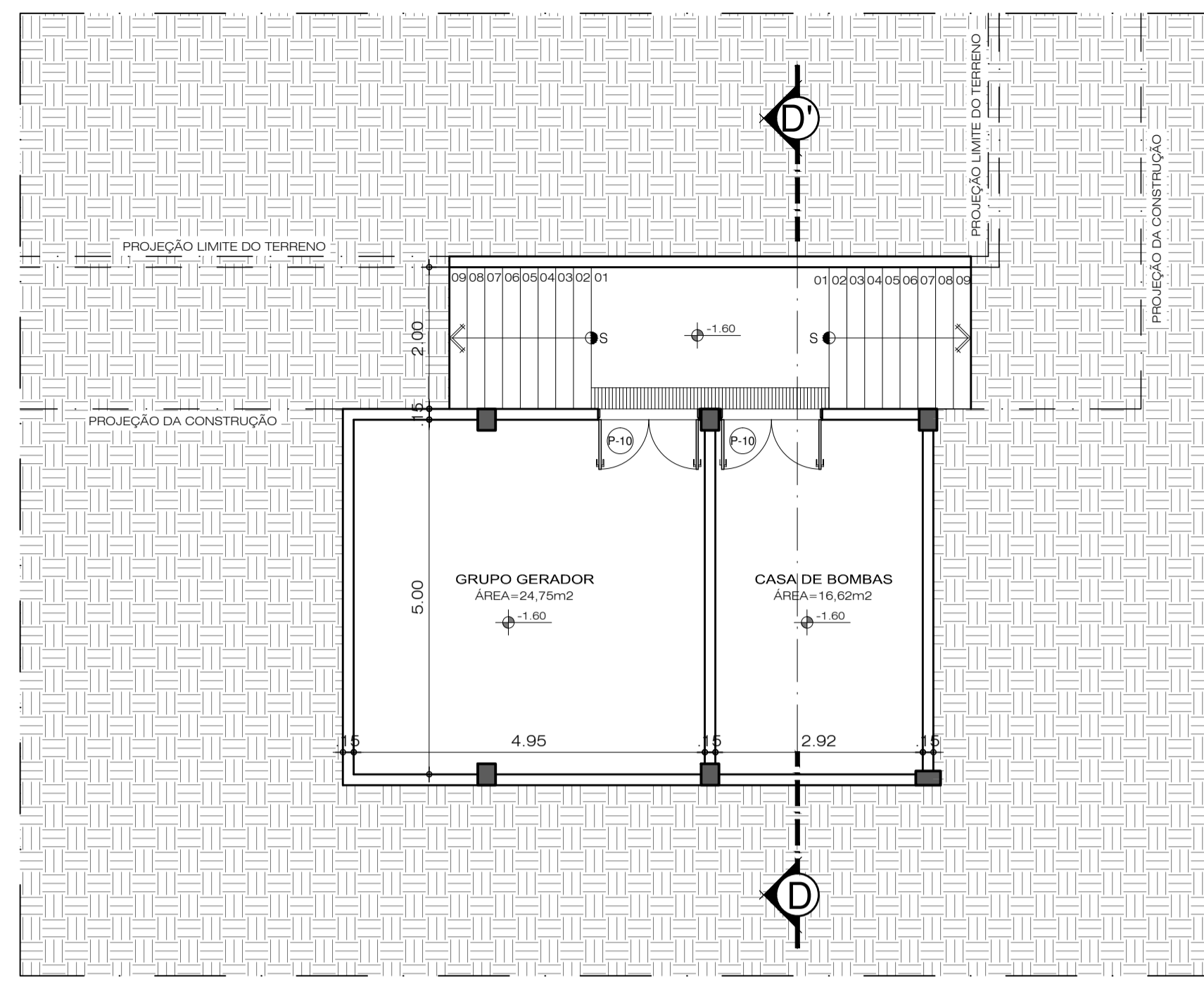
END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM CÓDIGO: 0713209

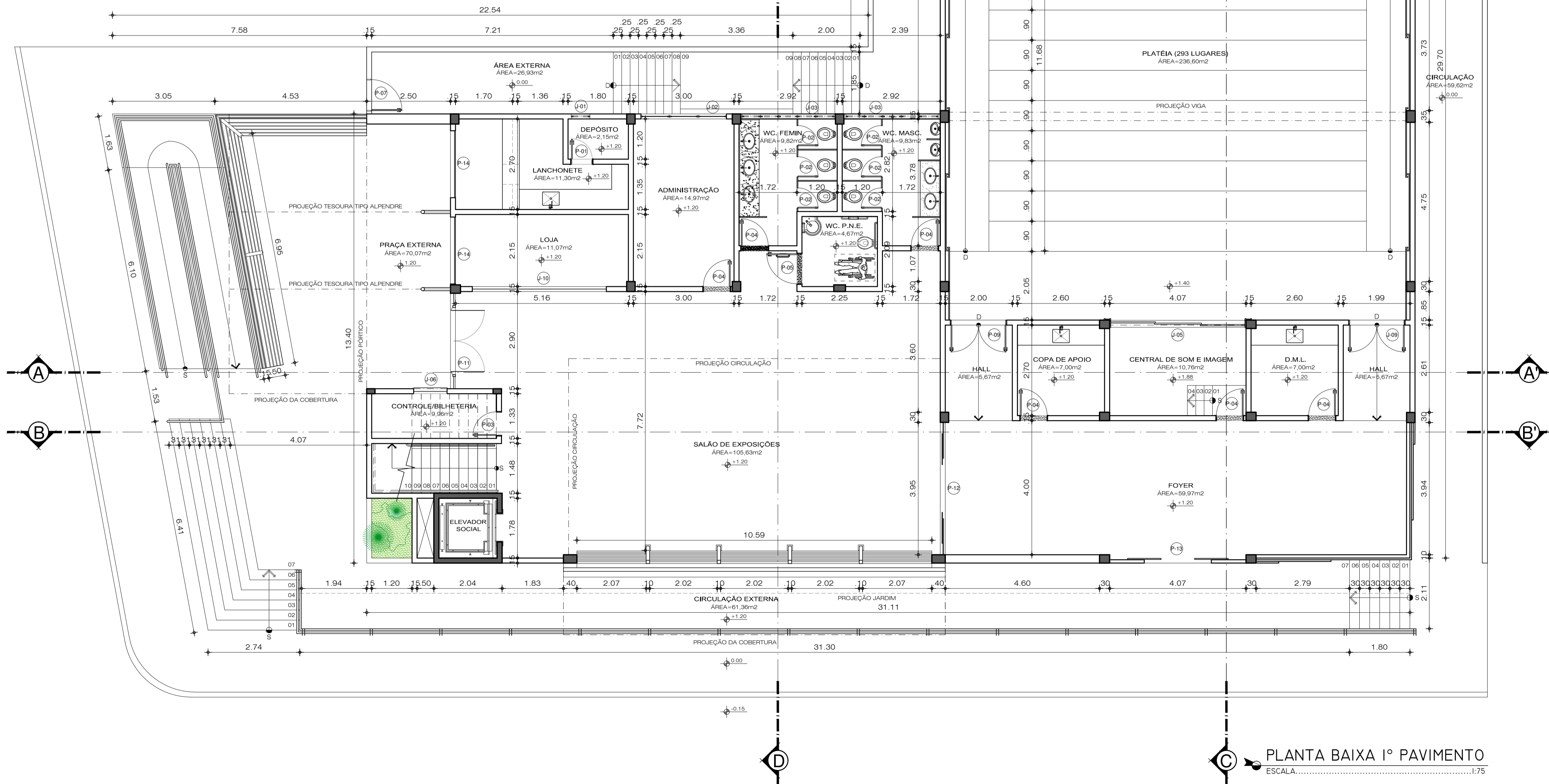
ORIENTADOR:
 Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

TÍTULO:
 PLANTA DE COBERTURA, SITUAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m²	ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m²	ZONA:
ESCALA: 1:75	DATA: JULHO/2012	ARQUIVO:

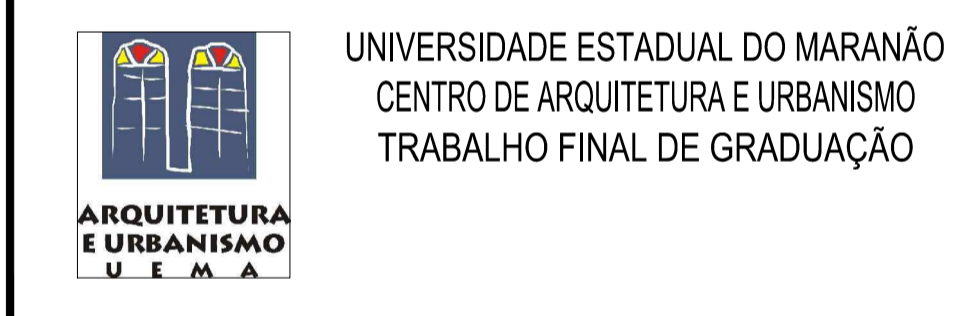


PLANTA BAIXA SUBSOLO
ESCALA.....1:75



PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO
ESCALA.....1:75

QUADRO DE ESQUADRIAS			
TIPO	DIMENSÕES	QUANT.	ESPECIFICAÇÕES
P1	0,60 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P2	0,60 x 1,70 M	12	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P3	0,70 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P4	0,80 x 2,10 M	09	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P5	0,90 x 2,10 M	02	PORTA DE MADEIRA EM M.D.F. REVESTIDA CO LAMINADO MELAMÍNICO CILADA METÁLICA DE 4000 NA BASE, EM AÇO ESCOVADO (INT. E EXT.) E BARRA EM TUBO DE AÇO INOX (VER NORMAS DA ABNT)
P6	0,90 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P7	0,90 x 2,10 M	01	PORTA EM ALUMÍNIO ANODIZADO COM PINTURA ELETROSTÁTICA NA COR BRANCA
P8	1,80 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P9	1,60 x 2,10 M	02	PORTA ACÚSTICA EM MADEIRA COM PUXADOR EM AÇO INOX
P10	1,40 x 2,10 M	02	PORTA EM GRADE DE FERRO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO BRANCO
P11	2,00 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO ABRIR
P12	1,80 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
P13	2,00 x 2,10 M	01	PORTA EM MADEIRA DE LEI TIPO CORRER
P14	2,00 x 2,10 M	02	PORTÃO METÁLICO TIPO ENFROLAR COM PINTURA ELETROSTÁTICA COR BRANCA
P15	1,20 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
J1	0,95 x 0,60 M 1,80	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J2	2,50 x 1,00 M 1,10	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J3	2,75 x 0,60 M 2,00	05	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J4	11,90 x 0,60 M 0,98	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO REFLETIVO, TIPO MAXIM-AR
J5	4,00 x 1,00 M 1,00	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR, TIPO CORRER
J6	1,00 x 1,00 M 1,20	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR (10mm) COM PASSADOR
J7	1,40 x 1,00 M 1,10	01	ESQUADRIA EM VIDRO INCOLOR TIPO CORRER
J8	11,00 x 0,60 M 1,20	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J9	3,60 x 0,70 M 0,98	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J10	4,00 x 1,40 M 0,70	01	VIDRINE EM VIDRO TEMPERADO INCOLOR (10mm)



PROJETO: _____ PREFEITURA: _____

CAU: _____ BOMBEIROS: _____

PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
MATINHA - MA**

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM CÓDIGO: 0713209

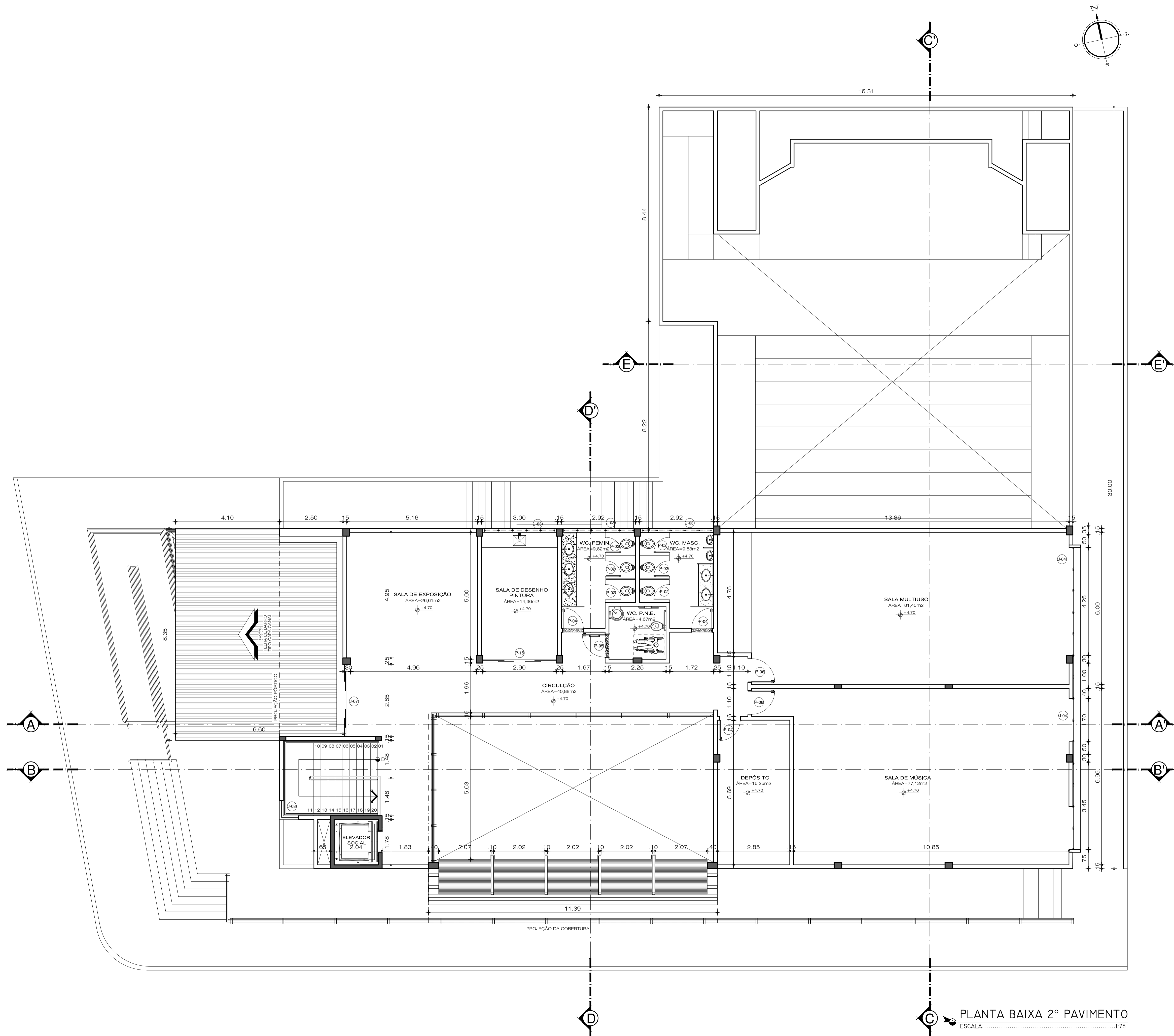
ORIENTADOR:
Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

TÍTULO:
PLANTA BAIXA PAVIMENTO 1º PAVIMENTO E SUBSOLO

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m² ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m² ZONA: _____
ESCALA: 1:75 DATA: JULHO/2012 ARQUIVO: _____

ARQUITETURA

02-08



PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO
ESCALA.....1:75

QUADRO DE ESQUADRIAS			
TIPO	DIMENSÕES	QUANT.	ESPECIFICAÇÕES
P1	0,60 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P2	0,60 x 1,70 M	12	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P3	0,70 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P4	0,80 x 2,10 M	09	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P5	0,90 x 2,10 M	02	PORTA DE MADEIRA EM M.D.F. REVESTIDA CO LAMINADO MELAMÍNICO CPLACA METÁLICA DE 400mm NA BASE, EM AÇO ESCOVADO (INT. E EXT.) E BARRA EM TUBO DE AÇO INOX (VER NORMAS DA ABNT)
P6	0,90 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P7	0,90 x 2,10 M	01	PORTA EM ALUMÍNIO ANODIZADO COM PINTURA ELETROSTÁTICA NA COR BRANCA
P8	1,80 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P9	1,60 x 2,10 M	02	PORTA ACÚSTICA EM MADEIRA COM PUXADOR EM AÇO INOX
P10	1,40 x 2,10 M	02	PORTA EM GRADE DE FERRO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO BRANCO
P11	2,00 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO ABRIR
P12	1,80 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
P13	2,00 x 2,10 M	01	PORTA EM MADEIRA DE LEI TIPO CORRER
P14	2,00 x 2,10 M	02	PORTÃO METÁLICO TIPO ENROLAR COM PINTURA ELETROSTÁTICA COR BRANCA
P15	1,20 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
J1	0,55 x 0,60 M 1,80	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J2	2,50 x 1,00 M 1,10	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J3	2,75 x 0,60 M 2,00	05	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J4	11,90 x 0,60 M 0,98	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO REFLETIVO, TIPO MAXIM-AR
J5	4,00 x 1,00 M 1,00	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR, TIPO CORRER
J6	1,00 x 1,00 M 1,40	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR (10mm) COM PASSADOR
J7	1,40 x 1,00 M 1,10	01	ESQUADRIA EM VIDRO INCOLOR TIPO CORRER
J8	11,00 x 0,60 M	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J9	3,60 x 0,70 M	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO: _____ PREFEITURA: _____

CAU: _____ BOMBEIROS: _____

PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
MATINHA - MA**

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM CÓDIGO: 0713209

ORIENTADOR:
Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

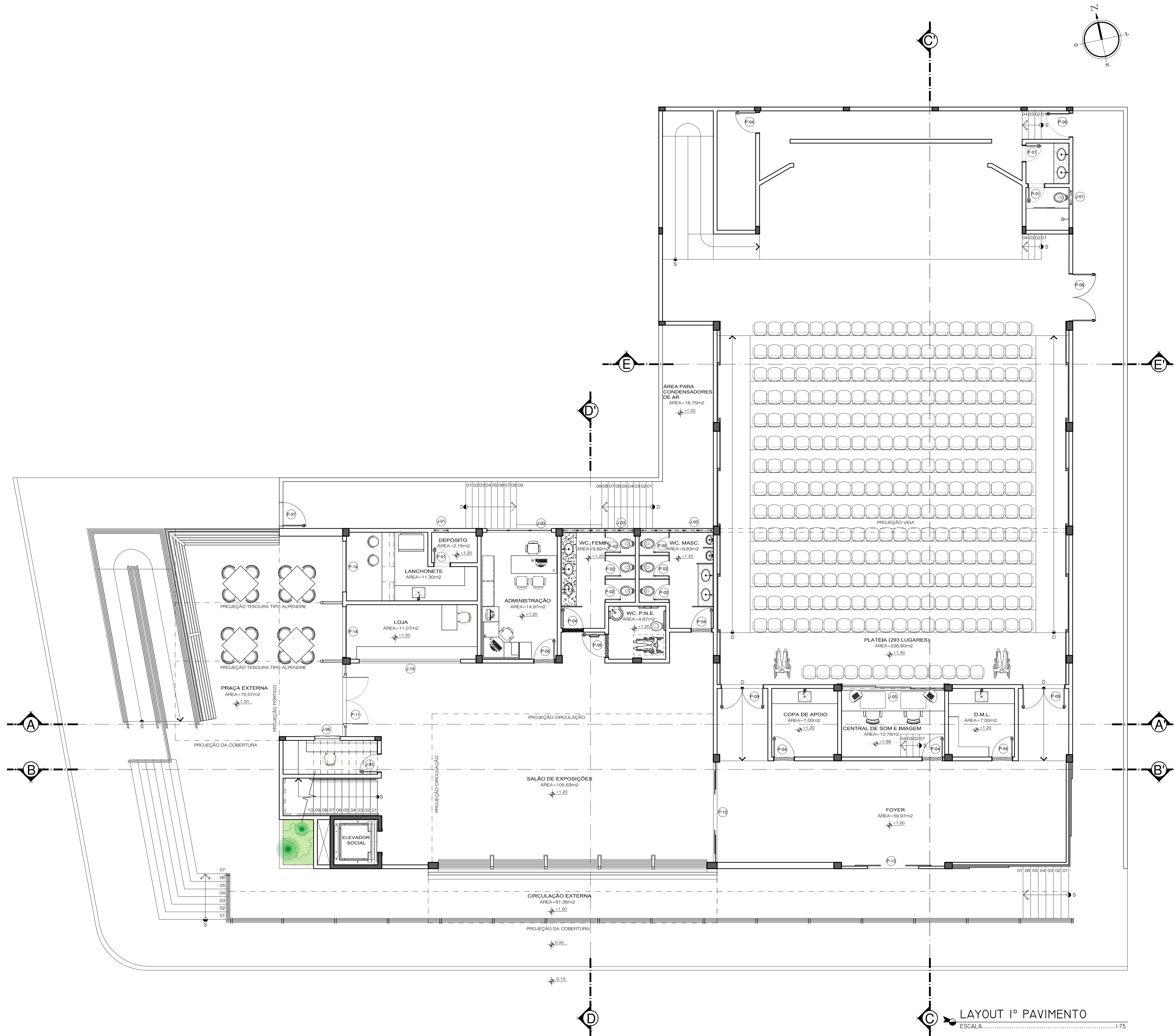
TÍTULO:
PLANTA BAIXA 2º PAVIMENTO

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m² ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m² ZONA: _____

ESCALA: 1:75 DATA: JULHO/2012 ARQUIVO: _____

ARQUITETURA

03-08



LAYOUT 1º PAVIMENTO
ESCALA.....1:75

QUADRO DE ESQUADRIAS			
TIPO	DIMENSÕES	QUANT.	ESPECIFICAÇÕES
P1	0,60 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P2	0,60 x 1,70 M	12	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P3	0,70 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P4	0,80 x 2,10 M	09	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P5	0,90 x 2,10 M	02	PORTA DE MADEIRA EM M.D.F. REVESTIDA CO LAMINADO MELAMÍNICO CPLACA METÁLICA DE 400mm NA BASE, EM AÇO ESCOVADO (INT. E EXT.) E BARRA EM TUBO DE AÇO INOX (VER NORMAS DA ABNT)
P6	0,90 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P7	0,90 x 2,10 M	01	PORTA EM ALUMÍNIO ANODIZADO COM PINTURA ELETROSTÁTICA NA COR BRANCA
P8	1,80 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P9	1,60 x 2,10 M	02	PORTA ACÚSTICA EM MADEIRA COM PUXADOR EM AÇO INOX
P10	1,40 x 2,10 M	02	PORTA EM GRADE DE FERRO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO BRANCO
P11	2,00 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO ABRIR
P12	1,80 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
P13	2,00 x 2,10 M	01	PORTA EM MADEIRA DE LEI TIPO CORRER
P14	2,00 x 2,10 M	02	PORTÃO METÁLICO TIPO ENFROLAR COM PINTURA ELETROSTÁTICA COR BRANCA
P15	1,20 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
J1	0,95 x 0,60 M 1,80	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J2	2,50 x 1,00 M 1,10	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J3	2,75 x 0,60 M 2,00	05	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J4	11,90 x 0,60 M 0,98	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO REFLETIVO, TIPO MAXIM-AR
J5	4,00 x 1,00 M 1,00	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR, TIPO CORRER
J6	1,00 x 1,00 M 1,20	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR (10mm) COM PASSADOR
J7	1,40 x 1,00 M 1,10	01	ESQUADRIA EM VIDRO INCOLOR TIPO CORRER
J8	11,00 x 0,60 M	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J9	3,60 x 0,70 M	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO: _____ PREFEITURA: _____

CAU: _____ BOMBEIROS: _____

PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
MATINHA - MA**

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM CÓDIGO: 0713209

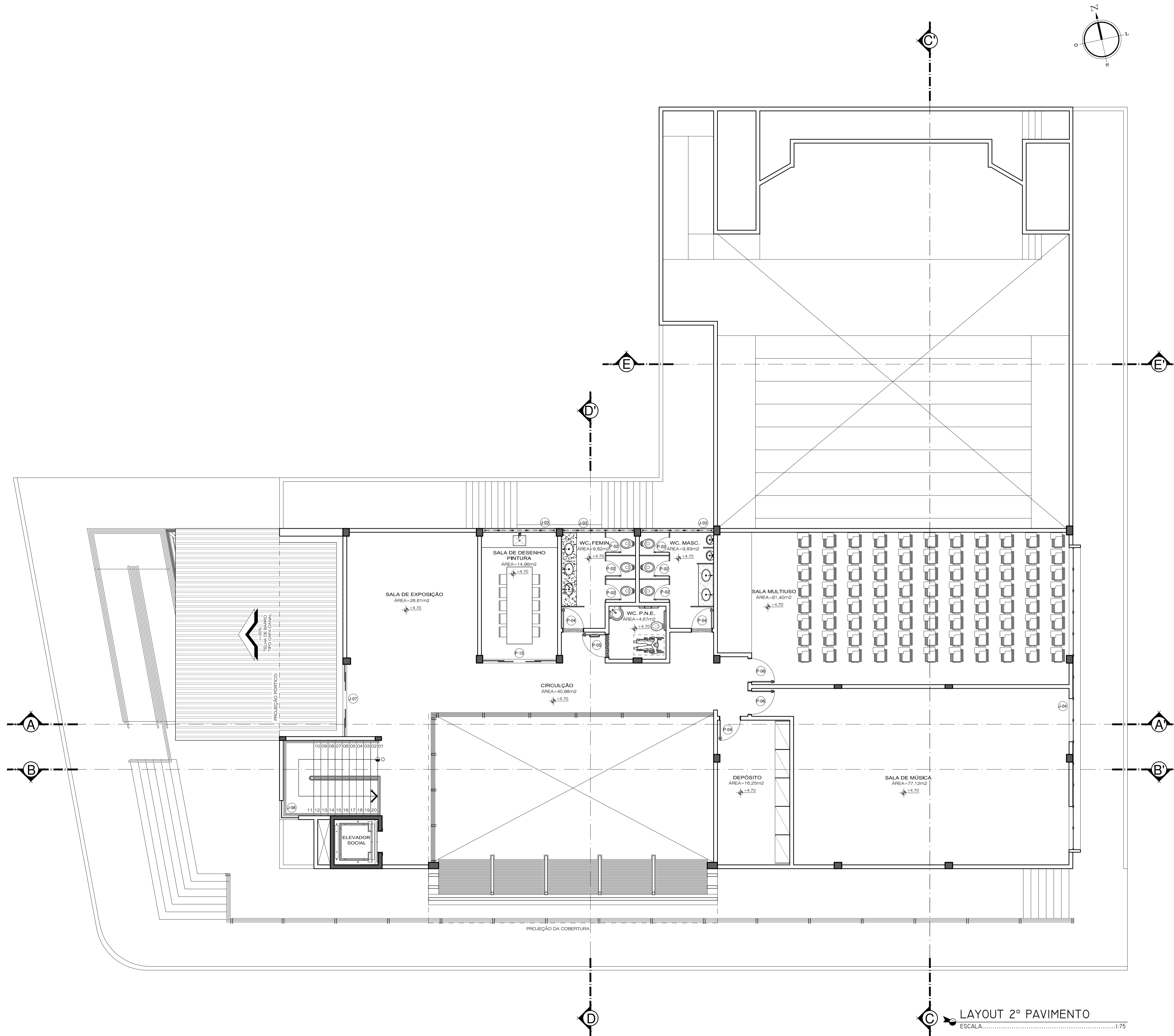
ORIENTADOR:
Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

TÍTULO:
LAYOUT 1º PAVIMENTO

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m²	ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m²	ZONA:
ESCALA: 1:75	DATA: JULHO/2012	ARQUIVO:

ARQUITETURA

04-08



QUADRO DE ESQUADRIAS			
TIPO	DIMENSÕES	QUANT.	ESPECIFICAÇÕES
P1	0,60 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P2	0,60 x 1,70 M	12	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P3	0,70 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P4	0,80 x 2,10 M	09	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P5	0,90 x 2,10 M	02	PORTA DE MADEIRA EM M.D.F. REVESTIDA CO LAMINADO MELAMÍNICO CPLACA METÁLICA DE 400x100 NA BASE, EM AÇO ESCOVADO (INT. E EXT.) E BARRA EM TUBO DE AÇO INOX (VER NORMAS DA ABNT)
P6	0,90 x 2,10 M	03	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P7	0,90 x 2,10 M	01	PORTA EM ALUMÍNIO ANODIZADO COM PINTURA ELETROSTÁTICA NA COR BRANCA
P8	1,80 x 2,10 M	01	PORTA DE M.D.F. REVESTIDA COM LAMINADO MELAMÍNICO
P9	1,60 x 2,10 M	02	PORTA ACÚSTICA EM MADEIRA COM PUXADOR EM AÇO INOX
P10	1,40 x 2,10 M	02	PORTA EM GRADE DE FERRO COM PINTURA EM ESMALTE SINTÉTICO BRANCO
P11	2,00 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO ABRIR
P12	1,80 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
P13	2,00 x 2,10 M	01	PORTA EM MADEIRA DE LEI TIPO CORRER
P14	2,00 x 2,10 M	02	PORTÃO METÁLICO TIPO ENRROLAR COM PINTURA ELETROSTÁTICA COR BRANCA
P15	1,20 x 2,10 M	01	VIDRO TEMPERADO LISO INCOLOR (10mm), TIPO CORRER
J1	0,55 x 0,60 M 1,80	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J2	2,50 x 1,00 M 1,10	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J3	2,75 x 0,60 M 2,00	05	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J4	11,90 x 0,60 M 0,98	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO REFLETIVO, TIPO MAXIM-AR
J5	4,00 x 1,00 M 1,00	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR, TIPO CORRER
J6	1,00 x 1,00 M 1,40	01	VISOR EM VIDRO INCOLOR (10mm) COM PASSADOR
J7	1,40 x 1,00 M 1,10	01	ESQUADRIA EM VIDRO INCOLOR TIPO CORRER
J8	11,00 x 0,60 M	01	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR
J9	3,60 x 0,70 M	02	ALUMÍNIO ANODIZADO PRETO E VIDRO INCOLOR, TIPO MAXIM-AR

ARQUITETURA

05-08



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO:	PREFEITURA:
CAU:	BOMBEIROS:

PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
MATINHA - MA**

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

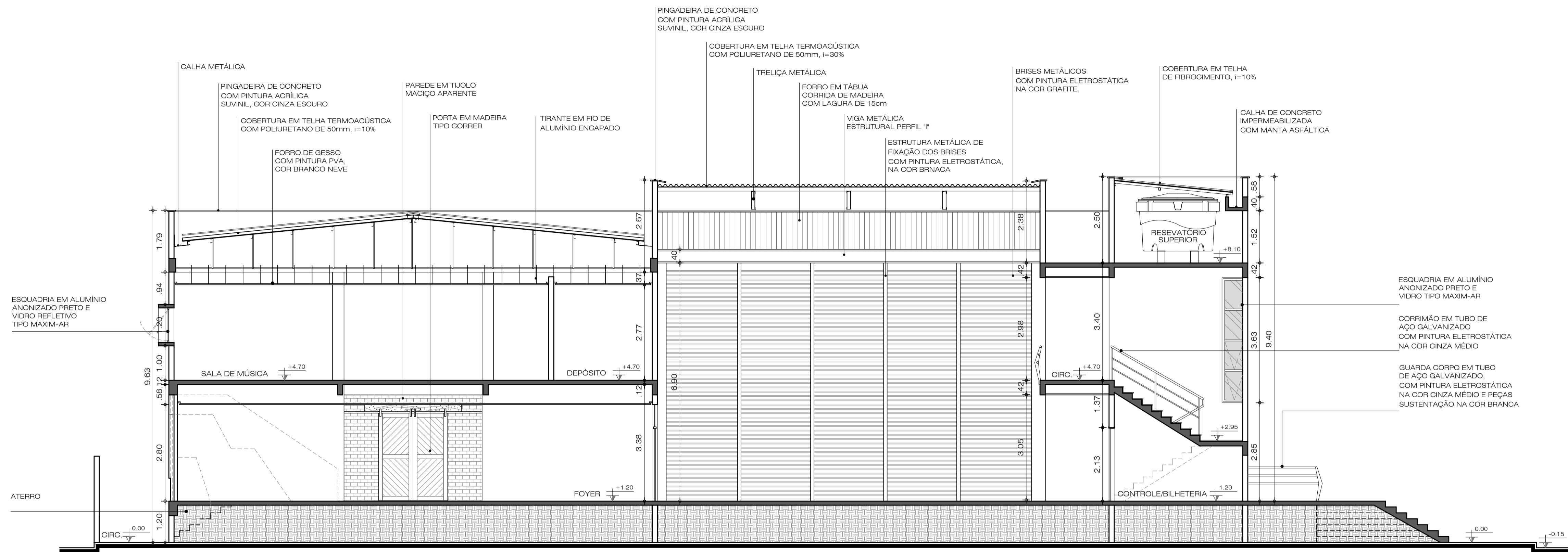
ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM	CÓDIGO: 0713209
--------------------------------------	--------------------

ORIENTADOR:
Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

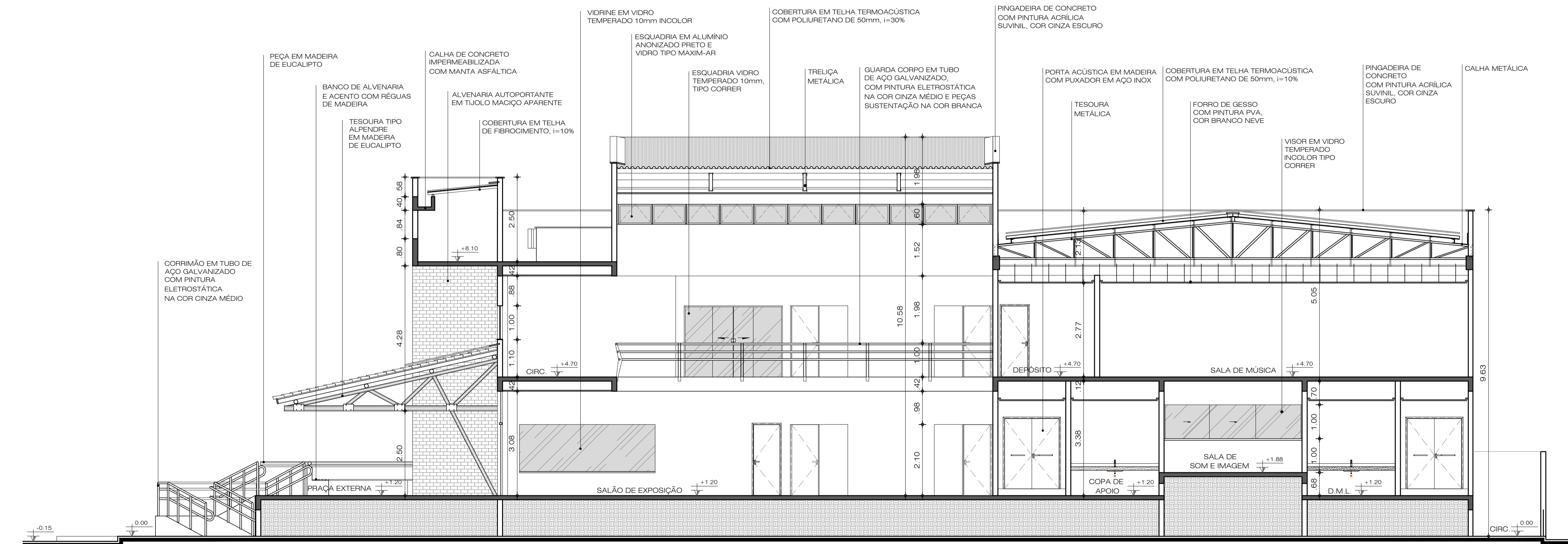
TÍTULO:
LAYOUT 2º PAVIMENTO

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m²	ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m²	ZONA:
ESCALA: 1:75	DATA: JULHO/2012	ARQUIVO:

LAYOUT 2º PAVIMENTO
ESCALA.....1:75



SECÇÃO BB'
ESCALA:.....1:75



SECÇÃO AA'
ESCALA:.....1:75

ARQUITETURA

06-08

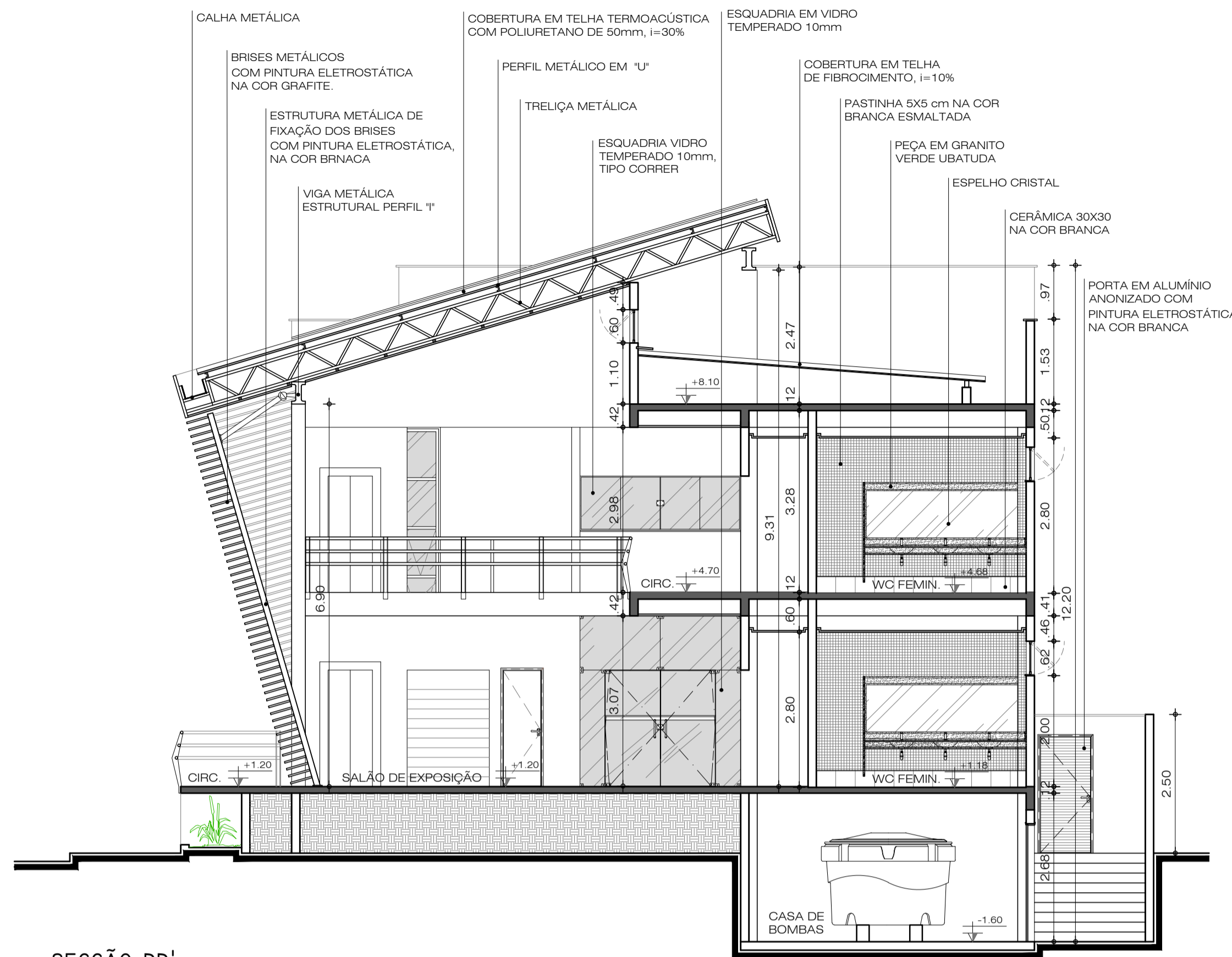
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO:	PREFEITURA:
CAU:	BOMBEIROS:

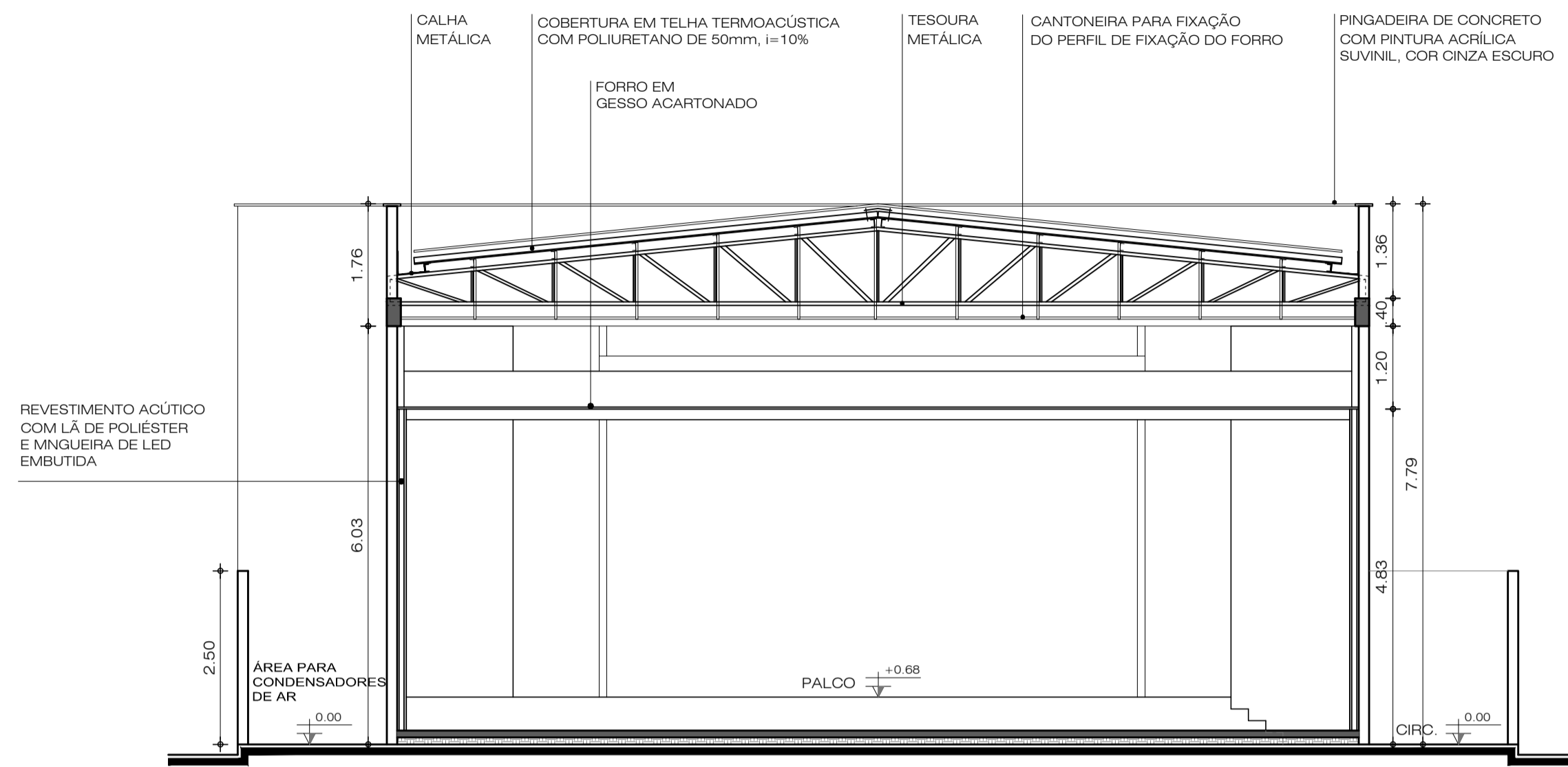
PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
MATINHA - MA**

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA	
ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM	CÓDIGO: 0713209
ORIENTADOR: Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO	

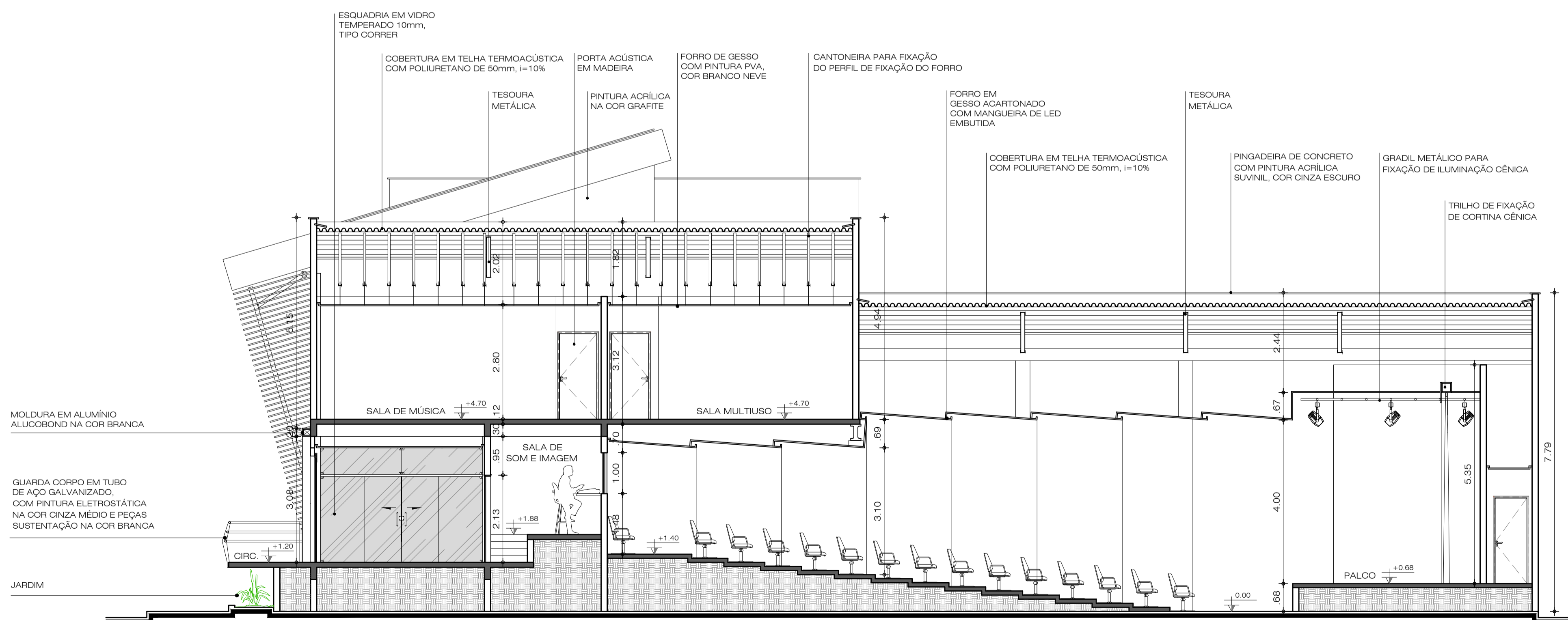
TÍTULO: SECÇÕES AA' E BB'		
ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m²	ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m²	ZONA:
ESCALA: 1:75	DATA: JULHO/2012	ARQUIVO:



SECÇÃO DD'
ESCALA: 1:75



SECÇÃO EE'
ESCALA: 1:75



SECÇÃO CC'
ESCALA: 1:75

ARQUITETURA

07-08

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

ARQUITETURA E URBANISMO U.E.M.A.

PROJETO:	PREFEITURA:
CAU:	BOMBEIROS:

PROJETO:
CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA MATINHA - MA

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

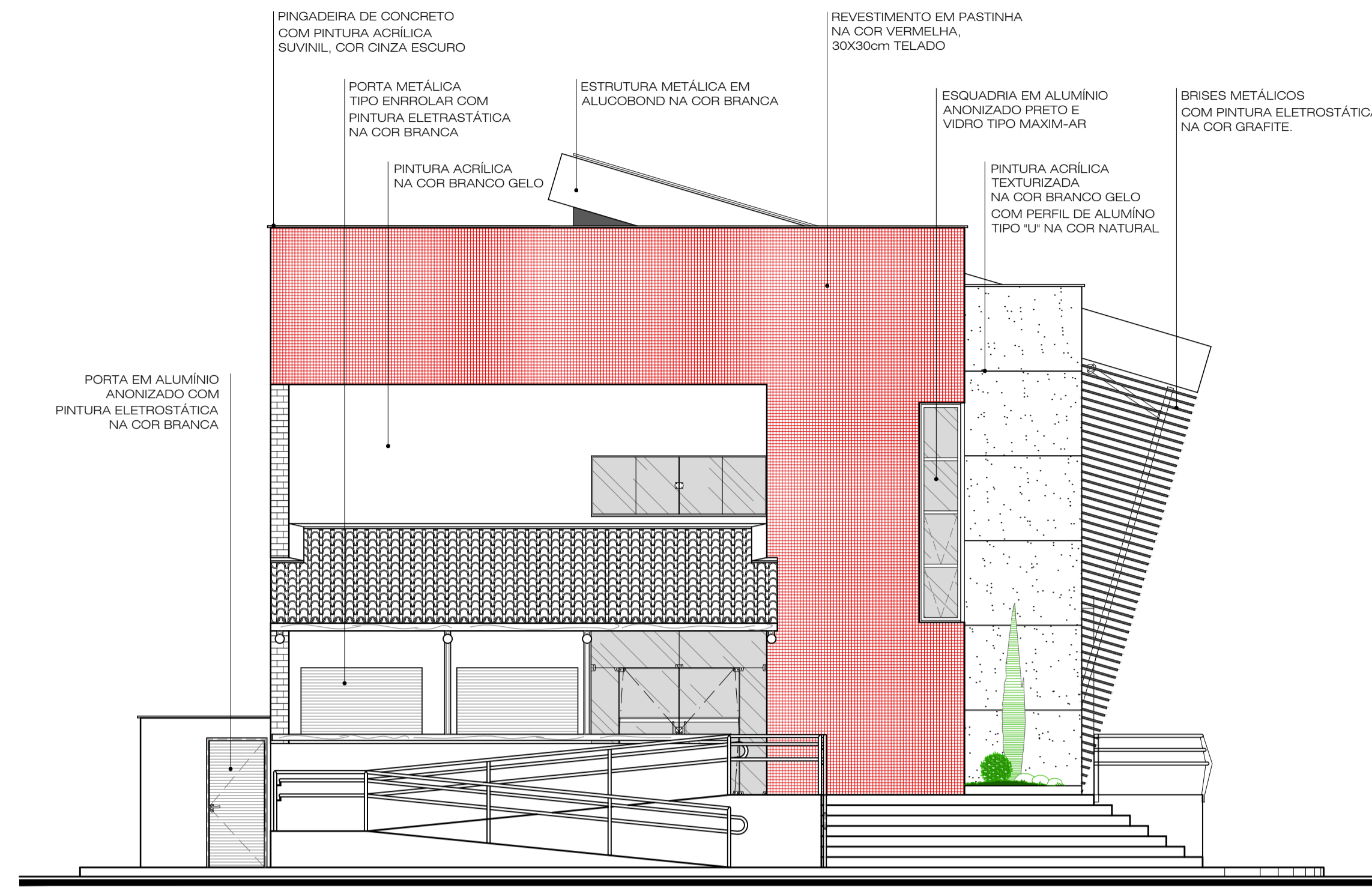
ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM
CÓDIGO: 0713209

ORIENTADOR:
Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

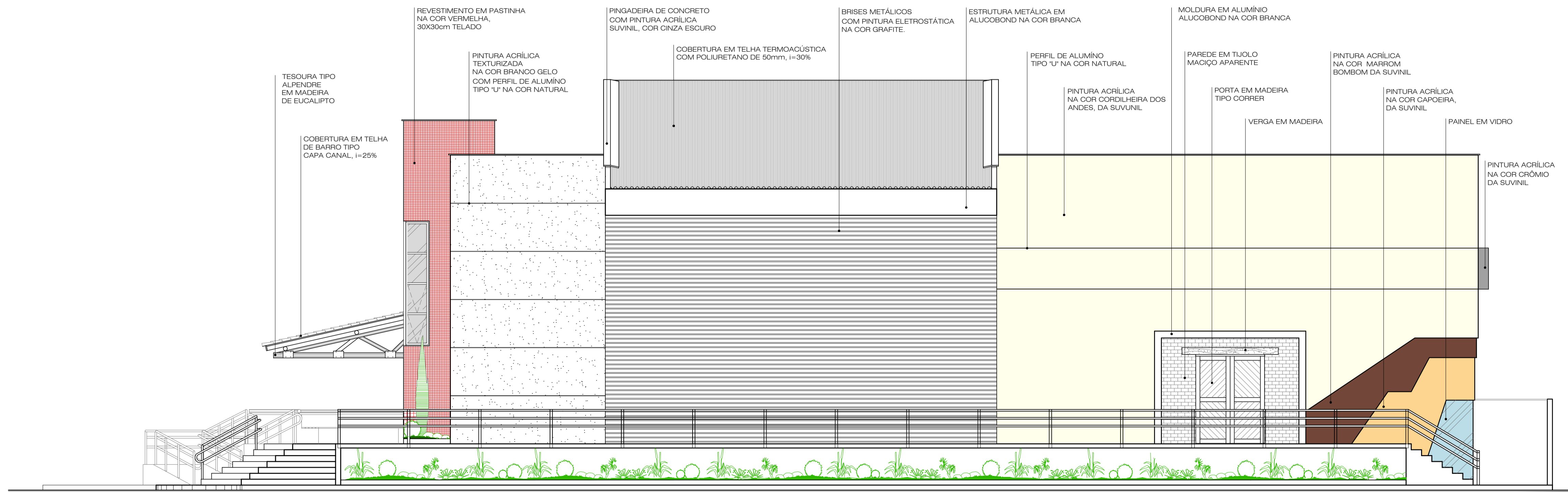
TÍTULO:
SECÇÕES CC', DD' E EE'

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m²
ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m²
ZONA:

ESCALA: 1:75
DATA: JULHO/2012
ARQUIVO:



FACHADA FRONTAL
ESCALA.....1:75



FACHADA LATERAL DIREITA
ESCALA.....1:75

ARQUITETURA

08-08



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PROJETO:	PREFEITURA:
CAU:	BOMBEIROS:

PROJETO:
**CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA
MATINHA - MA**

END.: AVENIDA MAJOR HERACLITO, S/N - CENTRO, MATINHA - MA

ALUNO: LUIS FERNANDO SILVA CUTRIM
CÓDIGO: 0713209

ORIENTADOR:
Prof. Dr. HERMES DA FONSECA NETO

TÍTULO:
FACHADA FRONTAL E FACHADA LATERAL DIREITA

ÁREA DO TERRENO: 1.005,32m²
ÁREA CONSTRUÍDA: 1085,20m²
ZONA:

ESCALA: 1:75
DATA: JULHO/2012
ARQUIVO: